

Oferta
-0. NOV. 1998



VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 196
15 DE FEVEREIRO DE 1945
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

NÊSTE NÚMERO



Desde há pouco, Portugal tem ao serviço da sua cultura o Centro Emissor de Castanheira do Ribatejo, inaugurado com a presença do Chefe do Estado.

(Ver pág. 10)



Os «Meninos da Luz», que vão acabar o curso este ano, fizeram a sua «festa artística» como nunca se tinha visto...

(Ler reportagem na pág. 7)



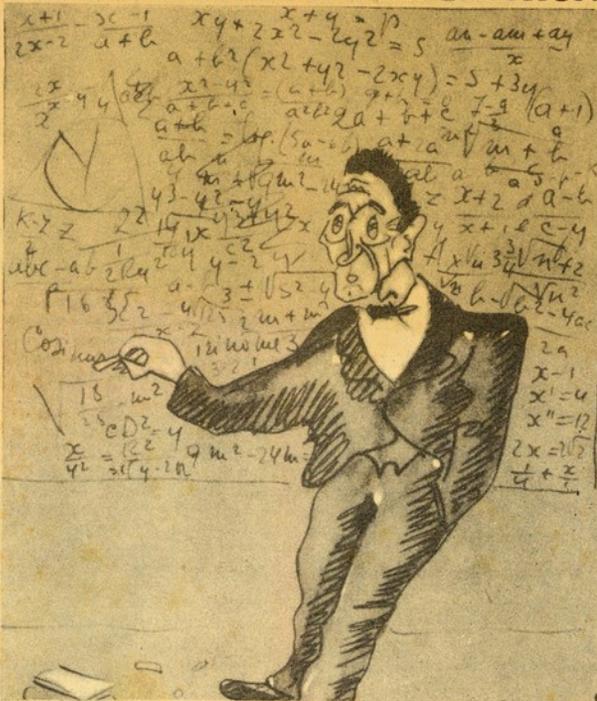
Col.ª de Neuradas

Maço n.º 28 - A -

3

HUMORISMO

O PROFESSOR DE MATEMÁTICA



— Vou repetir, para aqueles que não tiveram compreendido.



ELE— Cinco minutos depois de começar a caçada caiu morto aos meus pés.
ELA— Coitadinho! E quem o matou?...



— O Estorção caiu na miséria. Ardeu a fábrica dele.
— E de que era?..
— De extintores de incêndios!...



O CLIENTE— Tenho um verdadeiro desgosto por só agora ter descoberto este restaurante...
O CRIADO— V. Ex. honra-nos muitíssimo...
O CLIENTE— ...É que já cá não teria voltado hoje!...



O CLIENTE— Está uma música na manteiga!
O CRIADO— Perdão!... Não se trata de música mas sim de um mosquito; e não se trata de manteiga, mas de margarina. No resto, tem V. Ex. toda a razão!...

NOTAS DE GRAÇA

NO TRIBUNAL

No tribunal, o advogado volta-se para os jurados e exclama:
— Senhores jurados, o meu constituinte tem impresso no rosto a honradez!
Um jurado, levantando-se:
— Sim, mas com muitos erros tipográficos!

ENTRE ANDALUZES

— Já vi um homem atrair-se ao rio e ficar meia hora debaixo de água...
— E eu conheci um que esteve no fundo do mar, durante uma hora, com o relógio no pulso...
— Olha o milagre! No Mediterrâneo vi eu uma mulher que submergiu e nunca mais veio à superfície!

A PROCURA DE EMPREGO

O PRETENDENTE— Sei ler, escrever, fazer contas...
O BANQUEIRO— Acha-se em condições de tomar conta da caixa?
O PRETENDENTE— Sim, senhor, tudo me serve. Eu até já fui tambor de regimento!...

É O QUE SE PODE ARRANJAR!...

1. **AMIGO**— Então, já arranjaste emprego?
2. **AMIGO**— Faço a diligência por entrar num Banco...
1. **AMIGO**— Quando?
2. **AMIGO**— De noite!...

SERVIÇO ULTRA-RÁPIDO



— V. Ex. deseja?...

Miscelânea...



ELE— Eu creio que se tivermos pouca sorte, o teu pai não nos verá morrer de fome, impassível...
ELA— Tens razão. Ele cada dia está mais curto de vista.



CONFLITO CONJUGAL

— E és tu um grande cirurgião? E não sabes trinchar um frango!...



— Como hei-de ensinar geografia a um mudo?
— Não se preocupe: compre V. Ex. um mapa-mudo.



— Se me prometes a mão de sua filha, dar-lhe-ei a minha.

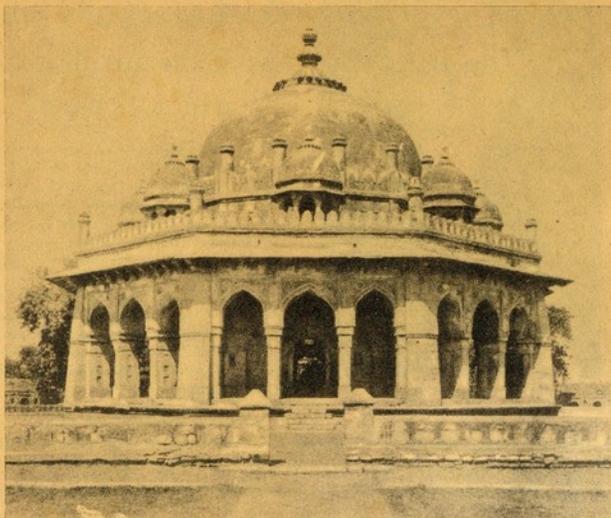
O INDUSTÃO

NO VELHO ROTEIRO DOS PORTUGUESES
É AINDA UM MUNDO À PARTE...

NA costa da Ásia, banhada pelo Indico, avulta um imenso triângulo que penetra profundamente o mar e tem um dos seus vértices voltados ao sul. É a península indústânica, cenário da passada dominação portuguesa e onde ainda guardamos, encravadas em territórios que já não são nossos, três pedras do edifício do poder e prestígio que construímos nessas paragens — Goa, Damão e Diu. E, por toda a Índia, desde Punjão, ao norte, até Ceilão, a maravilhosa ilha do sul, ficaram para sempre misturados, nos dialectos e nos costumes dos povos, alguns usos e palavras que não são alheios à remota presença dos portugueses.

Mas a Índia é hoje, pelo primitivismo das suas populações e pela natureza dos seus vastíssimos territórios, um dos mais curiosos e pitorescos pontos do Globo. Fora do argumento da propaganda política, sempre jogado nas conferências diplomáticas e nas disputas dos povos europeus — ela é, especialmente, um mundo diferente e à parte, onde a dolência mórbida das raças e a natureza do clima como que fizeram um outro planeta — diferente pela beleza avassaladora das suas montanhas e dos seus monumentos, e pela estranha mentalidade das populações. E até mesmo nas suas três grandes metrópoles europeias — Calcutá, Bombaim e Colombo — paira como uma névoa impenetrável de mistério, um travo estranho de exotismo que se desprende das gentes relutantes a «europeizarem-se» e se impõe nas construções que guardam, apesar de tudo e quasi sempre, linhas e proporções de impressionante arquitectura indigena.

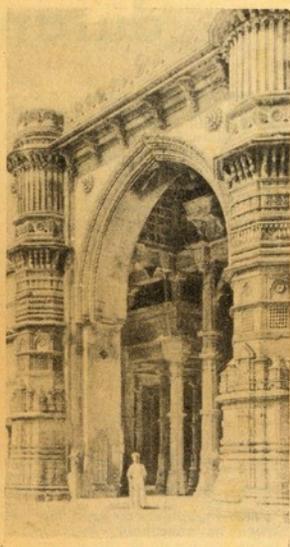
Cenário fabuloso dos «rajahs» e dos «sultões», que alterna confrangedoramente com a miséria total de milhões de seres humanos, a Índia, canto pitoresco do mundo, ponto de escala obrigatório nos cruzeiros dos grandes milionários, continuará a ser, ainda por muitos anos, uma região estranhamente dominada por crenças e hábitos que a humanidade inteira e jeitou há séculos. E ao sortilégio desses costumes junta-se, em palpável impressionante miragem, o desfile de monumentos únicos no mundo, que atestam crenças e perpetuam lendas que escravizam ainda um povo inteiro.



O célebre mausoléu de Isa Khan



Um pouco primitivo, que lembra celhas gravadas egípcias — e certos poços actuais, na provincia portuguesa...



A famosa mesquita de Ahmedabad, construída em 1423

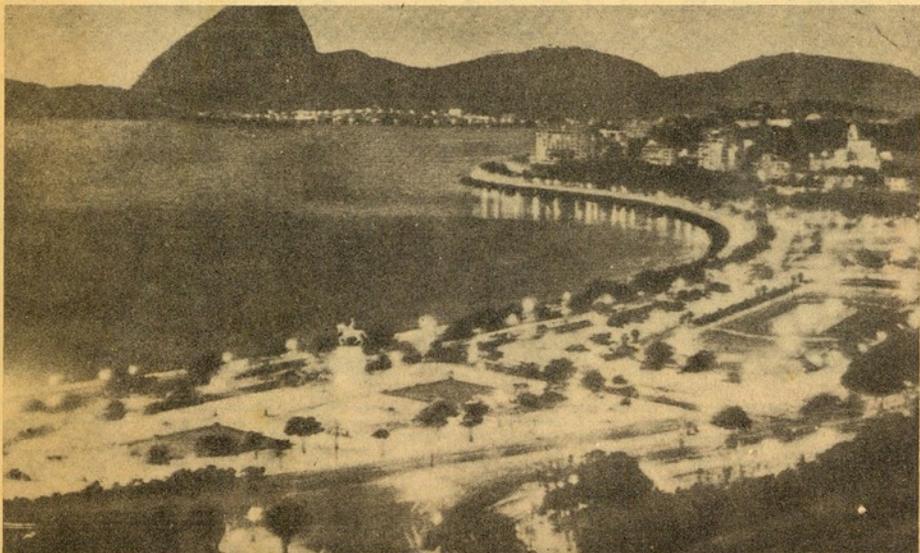


Dois curiosos tipos indús

**NO BRASIL IMENSO
O NORTE E O SUL
UNIDOS PELO
SANGUE E PELA
LÍNGUA**

O Brasil, magnífico empório que traz vinculados nas veias os estigmas de uma civilização lusíada, mantém unidos — por que milagre de colonização e argúcias de política? — pela língua e pelo sentido de nacionalidade, 20 Estados, com 8.550.818 quilómetros, para uma população que não chega a 50 milhões de almas.

Diferentes no clima, nas características de raças, de produção do solo, esses Estados, assim desiguais — mantêm uma unidade étnica que a terra justifica. O norte adusto, o sul coberto de neves, o centro temperado, a montanha e o mar — dão-se as mãos e preparam-se para ajudar a construir o mundo novo do após-guerra. Quem duvidará da missão que o futuro vai confiar à pátria brasileira?



No Sul, o Rio de Janeiro, maravilhoso quadro na beira da Guanabara.

O centenário

LEMBRAM-SE de «O Centenário»? Fê-lo o José Ricardo e refê-lo não há muito tempo, o Nascimento Fernandes. O virtuoso ancião, no dia festivo em que perfiava cem anos, disfarçava as tremuras da idade e da comoção num estribilho a que pretendia imprimir alegre presença de espírito:

—Hão-de vir todos!... Hão-de vir todos!...
Referia-se aos familiares, que esperava ver reunidos em sua volta, naquele dia único, a que raros de nós podemos com legitimidade aspirar e que, porventura, alguns de nós desejáramos não atingir — quando mais não seja para não importunar a parentela, que terá mais de fazer que espremer-se em amabilidades postíças e risinhos enfadados. Em boa verdade, parece legítimo considerar: se é bom não sermos atormentados pelos outros, talvez seja preferível, ainda, não sermos nós os promotores da tormenta alheia...

Pois agora, a propósito de outro centenário, nada menos que o de Eça de Queiroz, parece haver realmente magníficas razões para repetir o brado comovido do ancião:

—Hão-de vir todos!... Hão-de vir todos!...
Efectivamente, não faltam motivos para entender que estamos todos lançados à descoberta de Eça de Queiroz: publicam-se inéditos, publicam-se estudos, memórias, biografias, interpretações; promovem-se concursos, estabelecem-se prémios; temo-lo em livro, vão-no-lo oferecer em teatro, prometem-no-lo em projecção de celulóide; e não falta, para a boa comemoração lusitana, a proverbial polémica, temperada de amabilidade-dezinhas daquelas de arromba...

Será razoável supor que, depois disto tudo, dentre tantas pessoas que descobriram agora a existência de Eça de Queiroz, se consiga apurar algumas que se enchem de bríos e se decidam, finalmente, a ler «A Ilustre Casa de Ramires», «Os Maias» ou mesmo a «Correspondência de Fradique Mendes», que pedimos licença para considerar das melhores páginas escritas em língua portuguesa.

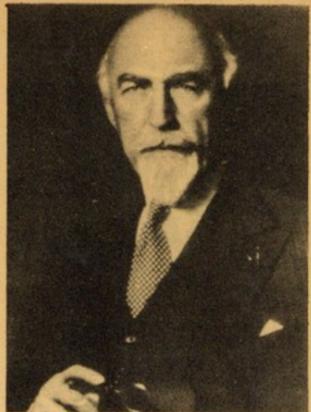
Entretanto, não falta, por essas lojas de alfarrabista, quem faça sacudir o lixo todo para desencantar, por alguns três mil e quinhentos, qualquer papelote esquecido, onde o nome de Eça de Queiroz tivesse sido por acaso mencionado e que, só por isso, neste faustoso ano de 1945, ascende olímpicamente à categoria de raridade bibliográfica. Uma descoberta desse teor, pelo jubiloso afã com que todos se preparam para se associar à comemoração, toma logo vulto de coisa comparável a triunfar nas eleições, vencer o campeonato de futebol ou arranjar algum litro de azeite por preço que não seja muito acima do estabelecido na tabela. Não se dirá, por certo, que estas aproximações pequem por exagêro. Pelo contrário, todos as apudaremos como verdadeiramente apropriadas, pois dão bem a justa medida da ansiedade com que todos nós — escritores, revisores, guarda-freios, médicos, engenheiros, ferroviários e polícias-sinaletiros — nos associamos em plena consciência ao centenário do único romancista português susceptível de projecção universal.

Ainda há dias, um poeta ilustre, a quem iam fazendo tropeçar no seu caminho, depois de nos falar da verdadeira «çomania» pairante, se despediu de nós com esta ansiosa interrogação:

—Você também está a preparar alguma coisa sobre o Eça?
Tranquilizámo-lo na sua assés legítima inquietação: que não, que não estavam. Mas aquela espécie de cumprimento entre letrados, à guisa de senha para conspirar, dificilmente teria deixado de nos lembrar esta outra fórmula, que parece ser de uso entre os furiosos das palavras cruzadas:

—Você «cruza»?
Em boa verdade, por este andar, com tanta gente entregue à tarefa de devassar, autopsiar, descoser, estripar e vór ao sol da inteligência nacional a obra de Eça de Queiroz, não custa nada reacar que os problemas d palavras cruzadas deixem de ter, dentro em pouco, quem dêles se queira ocupar...

—Hão-de vir todos!...
JOSE RIBEIRO DOS SANTOS



O sr. Herman Baruch

Novo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa

OS jornais publicaram já os telegramas, vindos de Washington e transmitidos segundo informação da Casa Branca: dentro em breve, deve ser investido das honras de embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, o sr. Herman Baruch, médico, diplomata e um dos nomes destacados da política norte-americana.

O sr. embaixador Norweb, que com tanto brilho tem exercido as altas funções de embaixador daquele país amigo em Lisboa, vai ser nomeado, segundo informaram as agências telegráficas, representante da América no Panamá.

UMA REPORTAGEM POR SEMANA

Um diálogo alfacinha durante o chá

NAQUELA mesa está a Fifi, a Belinha e a Rosália — trindade elegante e desocupada que só sabe dizer mal e divertir-se com o alheio. O salão está chelo. Há um vago perfume de tabacos aromáticos e água de colónia. Os criados, numa roda viva, servem o chá.

A Fifi está aborrecida; mostra às amigas o tom do verniz das unhas — e um colar horrível, de indígena, de bolas vermelhas, que custou ao papá uma bagatela. A Rosália espera, suspirosa, um rapaz divertido, já calvo, amarelento, que é bacharel e assina o expediente na maçada da repartição.

— Quando te casas?
— Eu ou tu?
— Nós! — respondem as três a rir. — Casamentos! Para quê?

A conversa generaliza-se. Fala-se de tudo — menos daquilo que sabem: o tratado da Indolência.

Lá dum canto uma senhora, já entrada, senta à mesa o seu lulu — um detestável pélo de arame, de grande língua, que bebe leite, gulosamente, com pão de ló esfarelado. Diz-se, à sucapa, que, na rua, não dá esmola a um pobre.

Três rapazinhos melancólicos, cabelo sobre os colarinhos, lêem, em voz baixa, um ensaio de fareia, perdão, um ensaio literário sobre esse Zola, o mineiro. Entre bolinhos e goles de chá,

dissecam a «Zázá» e o «Germinal». Noutra mesa, mais à esquerda, um casal. Ela, delgada, de olhos pestanudos, repete, satisfeita, e com risadas, o prato dos bôlos — ele, capaz de ser avô, sem cabelo, bebe água das Pedras, com um ar de quem precisa de Cadelas. Pelo canto do olho vai de «flirt» com um moço aspirante, de esporas, atrevido bigode — enquanto o velhote, limpando as lunetas, se satisfaz de vê-la comer com tal apetite. No meio da casa há senhoras que não têm mesa para se sentar e necessitam urgentemente que alguém se levante. Mas quê? Aquilo está tudo bem quedado — e enquanto não forem horas de jantar é escusado pensar que ninguém sai dali.

O gerente, todo dengoso, vai espalhando V. Ex.ª a torto e a direito. Entram mais senhoras. Conhecem umas que estão à mesa. Beijam-se, falam de alto. Automóveis, prédios, o Estoril, o Banco, tôdas essas maçadas. Graha-se numa miscelânea de vozes. Os três rapazinhos literatos levantam-se escandalizados e vão acabar a «tosa» no Zolá num banco da Avenida. A mesa é, positivamente, assaltada. Mais um pouco de conversa — do dize tu, dizei eu — e, no fim, feitas as contas, mais um chá que se bebeu, sem vontade nenhuma, porque o snobismo a isso obriga. Se não fosse lá a Fifi, a Belinha e a Rosália, quem é que ia às casa de chá?

As janelas e os canários

PENSOU um dia, a edildade lisboeta, decorar as altas janelas do Rossio — coração vivo da cidade — com vasos de flores — minúsculos canteiros graciosos donde assoma a nota terna da poesia. Do mesmo modo, nos candieiros, entrelaçar-se-iam espirais de verdura, e tudo assim viria reforçar aquela legenda luminosa que chama a Lisboa a cidade-jardim, à beira-mar plantada. Todavia, este entusiasmo bem depressa afrouxou. O Rossio prefere ter, no cimo dos telhados, os anúncios luminosos das pastas dentrificas ou o convite à estúrdia do «cabaret». Flores? E o trabalho que demanda? E o regar, a terra que se muda, os cuidados para que as raízes não sequem — e, no fim de contas, quem lucraria com aquilo? O mirones des-cuidado, de mãos nos bolsos, que vem à cidade de vez em quando para gozar. O lisboeta, esse, nem sequer repara. A época é das velocidades. Corre-se atrás de tudo, desde que se sai de casa até chegar ao emprêgo. E o eléctrico com lotação até ao «trolley», são os ajuntamentos nas ruas que lhe dificultam o movimento — e, assim, geométricamente entalado no ângulo estreito da vida, já ninguém se detém para contemplar uma flor.

Havia janelas em Lisboa que eram verdadeiros quintais. Em Alcântara, por exemplo, num prédio voltado para o bécio do Fiuza, podia contemplar-se uma esbelta nespereira, que todos os anos carregava dois enormes cabazes. Graúdas e amarelinhas, as nespereiras faziam crescer água na boca — apetitosas e a cair de maduras.

Ali, num cotovêlo de Alfama, numa estreita varanda, ao lado dos vasos das «sardinheiras», manchas sangüíneas que enchiam de côr o casario, durou muitos anos um limoeiro, que até a voz do povo andou a dizer que as limonadas feitas com aqueles frutos curavam a catarreia, não se sabendo, ao certo, se tiravam o mau olhar. Os bairros pobres tinham, quasi sempre, por detrás das chitas das janelas, vasos de flores. Os mangeriões, que cheiravam à folia de S. João, com alcachofras e fogueira — nos tempos em que o arraial era a nota viva do povo amante de folgueiros — as garridas «sardinheiras» que

trepavam, impetuosas; nos lares mais práticos plantava-se, num velho tacho, a cheirosa hortelã, os coentros e a salsa, que os refogados, amiúde, estavam a pedir.

Isto encontrava-se na Mouraria, Alfama, Fonte Santa, em todo o lado populoso — e onde as ruas são tão estreitas! Nos outros bairros, desde que a arquitectura estilo «caixoteano» inventou janelas com grades e portas chapeadas de aço, evidentemente que ninguém pensa em ter flores à janela. Mesmo crê-se que as janelas nesses prédios altos, de seis e sete andares, a preços convidativos, que enxameiam as aristocráticas artérias, desde o Duque de Ávila ao Marquês da Fronteira, servem unicamente para pôr as roupas das camas a arejar — e para a sopeira namorar o polícia. Mas entrar o ar, não. Elas, por si, ficam voltadas ao poente — e o que ainda é pior: estão calafetadas com tôda a sorte de cortinados, de reposteiros, que o chiquismo impõe. O que veio substituir as flores foram os canários, os piriqritos, os pintasilgos — essas inocentes aves que vivem aprisionadas para darem prazer ao homem.

Tôdas as casas ricas têm o seu canário — como as casas de campo usam o cão.

E para que serve aquela ave na gradeada gaiola?

Para alegrar, para cantar, para encher a casa de doces gorgeios.

Mas quem disse ao homem que essas aves são felizes enclausuradas? Nós temos, para nós, o instinto da liberdade. E os pássaros?

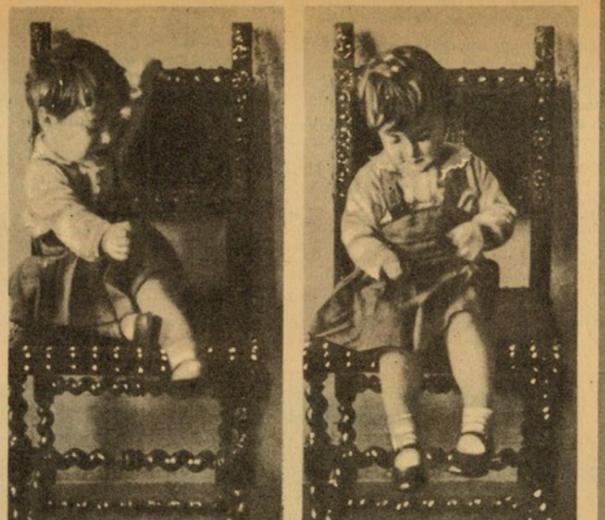
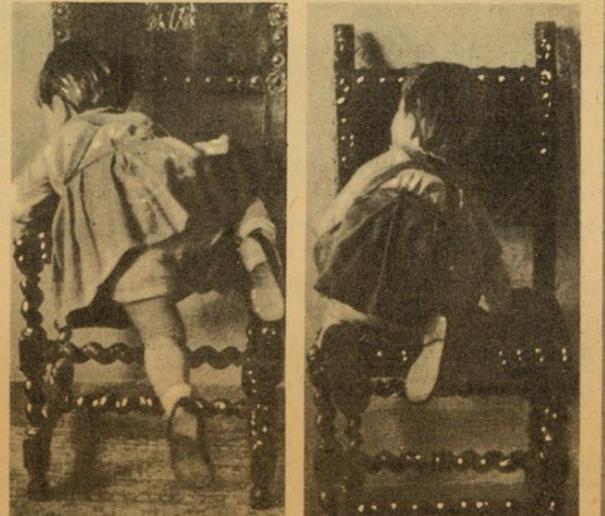
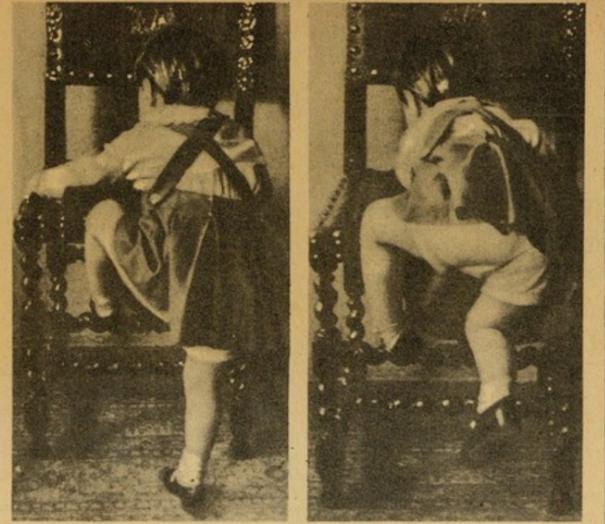
Esses devem senti-la — como nós nunca a sentiremos. A natureza é tôda dêles. As copas altas das árvores, os pinos dos rochedos, as velas dos moínhos, o cimo dos telhados, estão sempre, acolhedoramente, à espera dum bater de asas que queira repousar.

Porque havemos, pois, de roubar essa liberdade — e fazermos de estranho capricho um acto deshumano?

Vamos a abrir essas gaiolas — e deixar correr pelos prados as aves, que a Natureza precisa delas — e ponhamos à janela os vasos de flores.

Seremos mais artistas — seremos mais humanos.

MANUEL MARTINHO



A menina vai sentar-se...

Aqui está uma série de fotos verdadeiramente flagrantes, feitas quando a Zêlinha teimava que também sabia subir só para a cadeira...

E, como se vê, apesar de as suas pernitas de meio metro terem apenas dois anos — a Zêlinha triunfou. Oh! quando as mulheres sabem querer!...

NOTAS RAPIDAS DA SEMANA



Foi um notável ciclo de conferências o que o senhor dr. Bohdan Zaborski realizou na Faculdade de Letras, sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura. O ilustre conferencista, que é professor da Universidade de Varsóvia, falou dos problemas e situação geográfica e económica do seu país. Na foto, vemos ao lado do sr. dr. Cordeiro Ramos, do sr. ministro da Polónia e do sr. dr. Oliveira Guimarães.



O simpático Grupo José Alberto de Oliveira Canelas, nascido da dor de um pai que perdeu seu filho, e que tão belas provas tem dado do seu amor pelos pequeninos, alargando sempre mais a sua acção, reuniu, recentemente, num jantar, os seus amiguinhos — duzentas crianças! — para que fosse dignamente festejado o seu 13.º aniversário.



Desde há dias, Tomar e o seu concelho estão ligados à capital por um vínculo mais fundo: a sua «Casa», aquela que defenderá os interesses tomarenses e dêles fará propaganda em Lisboa. Na visita dos jornalistas àquela sede, a convite da direcção, foram acausados os objectivos da fundação de mais esta casa regionalista.



O Grupo Desportivo dos C. T. T., em Coimbra, comemorou mais um aniversário com uma festa que teve lugar na sede da F. N. A. T. daquela cidade. Os estudantes e alguns artistas de rádio colaboraram no recital, sendo-se, à esquerda da foto, a jovem artista Maria Eugénia — «A menina da Rádio» — que, sobre os ombros, ostenta a capa de estudante.



A América começou a sua ofensiva de fatos de banho... Aqui têm um modelo apresentado por Constance Moore, e que se inspira nos «pareos» das nativas do Hawai.

Um filme sobre o "José do Telhado"

Segundo notícias que correm nos «mentideros» cinematográficos, António Lopes Ribeiro vai realizar um filme sobre o «José do Telhado», negócio em que estariam interessados alguns capitalistas nortenhos.

Não deixa de ser curioso verificar que o cinema português, a despeito do escasso número de películas realizadas após o advento do som, continua a reeditar alguns dos filmes que

foram grandes êxitos no tempo do mudo. Que nos lembre, estão neste número «As Pupilas do Senhor Reitor», «A Rosa do Adro», «Os Fidalgos da Casa Mourisca», «O Amor de Perdição» e, agora, «O José do Telhado».

A versão primitiva deste último tema foi realizada pelo cineasta italiano Rino Lupo, com Carlos Azedo no protagonista.

E há pouco tempo, relativamente, a mesma fita muda, com as façanhas do célebre bandoleiro nortenho, corria ainda a Província em certos «ambulantes» de modestas proporções.

Falam os novos

“O cinema português não pode ser um monopólio de meia dúzia de nomes”!



afirma João Mendes, que está a realizar um filme sobre “Os Parques Infantis”

A notícia chegou assim à nossa redacção: João Mendes vai realizar um filme de curta metragem sobre os Parques Infantis. Aquêles que se interessam por estas coisas de cinema gostarão de saber possivelmente alguns pormenores. O cinema português não pode ficar eternamente confinado à meia dúzia de realizadores mais ou menos consagrados, e que têm assegurado a actividade dos nossos estúdios. O caminho mais seguro para o indispensável alargamento dos quadros está justamente na realização de filmes chamados de «complementos». Ai se poderão experimentar vocações e boas-vontades — e, se se falhar, o risco será forçosamente menor, sob o ponto de vista do valor industrial do empreendimento e do prestígio da cinematografia lusitana, do que atacando, pela primeira vez, a feitura de filmes de entrecho.

João Mendes é uma figura conhecida do nosso meio cinematográfico. Poder-se-á duvidar da sua competência técnica, numa terra em que se duvida até do valor afirmado por outrém, em provas insofismáveis. Mas ninguém poderá duvidar do seu entusiasmo e do seu amor ao cinema. E agora mesmo acaba de realizar, com Cunha Ferreira Jr., um sonho de muitos anos, «O Anuário Cinematográfico Português», a primeira obra com tais características que se empreende em Portugal.

Encontrámo-lo há dias. E disparamos a pergunta:

— Então esse filme sobre os Parques Infantis?

— Está em plena realização. E, dentro em breve, vamos começar os interiores.

— Pormenores?

— Vai para um ano, durante a rea-

lização da «Menina da Rádio», onde fui «anotador». Aquilino Mendes falou-me da possibilidade de realizarmos um filme sobre a Obra de Fernanda de Castro. Eu conhecia os Parques Infantis, no seu aspecto exterior. Em Janeiro, procurei elementos. Avistel-me com Fernanda de Castro, disse-lhe o que pretendia e ela, mãe adoptiva das crianças dos Parques, revelou-me a sua obra. Compreendi então o entusiasmo de Aquilino Mendes. E lancei ombros à tarefa com dobrado ardor, porque o filme, no que se refere ao interesse do assunto vai além do que eu poderia esperar. A obra dos Parques só vista — e nada melhor do que o cinema para a documentar.

«Francisco Mata, o produtor da Emissora Nacional, foi convidado para idealizar o filme e escrever o comentário. O seu trabalho resultou felicíssimo. E, agora, encontramos-nos em plena laboração.

— O que pensa V. da oportunidade de realizar o seu primeiro filme?

— Estou encantado. Dum modo geral, os novos lutam com a descrença e com a indiferença, quando não com maldades e invejas. A desconfiança que é lógica ante aquêles que nunca tendo feito nada se abalancam a realizar filmes de entrecho, não deixa de acompanhar os novos, que tendo uma formação cinematográfica e experiência do estúdio em cargos subalternos, se atrevem a dirigir um filme curto. Calmos, assim, num círculo vicioso. O cinema português não pode ser um monopólio. Os novos têm direito à vida. E não me parece nada censurável que, depois de terem devorado todos os bons livros de técnica, colaborado em jornais da

(Continua na pág. 14)

OS ULTIMOS ROMANCES DE AMOR DE HOLLYWOOD

DIZEM que a Primavera é a estação do Amor. E se é certo que na doce e perfumada Califórnia a Primavera dura doze meses no ano — não teremos que nos surpreender por Cupido andar a fazer das suas...

Lana Turner, divorciada de Stephan Crane, continua a ser o assunto n.º 1 da crónica amorosa da Cinedial!... Deram-na, primeiro, como noiva de Peter Lawford. Mas surgiu Turham Bey, que Lisboa viu nas «Mil e Uma Noites», e que acaba de ter um enorme êxito em «Dragon Seeds», de Pearl S. Buck. E o romance, iniciado com arrebatamento, continua impetuoso...

O outro acontecimento sentimental é o noivado de Glória de Haven e John Payne. Glória é hoje uma das vedetas da actualidade. Forma, com June Allyson, o par da juventude. E o nosso público já as conhece da «Festa dos Idólos», onde apareciam a cantar um dueto com a orquestra de Bob Crosby, para depois fazerem um contracanto ao número de Virginia O'Brien. Glória, com a sua cabeleira vermelha-acastanhada, é o que pode chamar-se um amor de rapariga. E John Payne, chefe de orquestra e galã de cinema — lembram-se de «No Mundo da Lua»? — forma com ela um magnífico par.

Qualquer dia, os sinos de certa capelinha escondida nos lanifais repicarão — e Lana Turner tentará a sua terceira experiência matrimonial, enquanto Glória de Haven atrará pela primeira vez os dados no jogo do casamento...



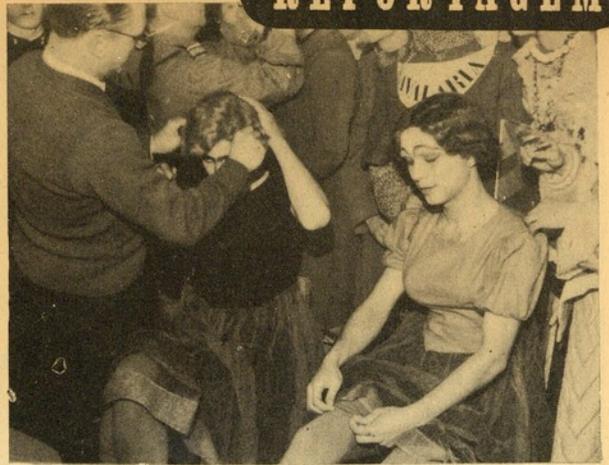
Lana Turner e Turham Bey



Jimmy Durante e os noivos Glória de Haven e John Payne



A «mana do menino da Luz» diz para a «Carmen Miranda»: — «Como usardo elas estas ligas, que me arrepelam tanto?...».



O major Chaby, grande animador da festa, dá os últimos retoques a uma «gentilíssima» «girl»

ZACATRÁS! ZACATRÁS!! ZACATRÁS!!!

Os "Meninos da Luz" finalistas, despediram-se do Colégio Militar com uma festa em que glorificaram o "cabo 20"...



«Minerva» e alguns elementos do «corpo de bailarinas» aprestam-se para entrar em cena

AS meninas alfacinhas sobraçaram as rodadas saias dos seus vestidos de baile, e içaram-se para o estirbo dos «eléctricos»; apanharam encontros, pisadelas, foram comprimidas nas plataformas — mas enchião as carreiras especiais da Carris como um bando alegre e risonho que viajasse o mais cómodamente possível. E até as mamãs pareciam bem dispostas, não sentindo os apêrtos da cinta, nem os outros.

O motivo que levou tantas famílias em traje de noite a encherem os «eléctricos», com aquela ruidosa alegria e aquela soberana indiferença pelo problema dos transportes, foi a festa de despedida dos rapazes do Colégio Militar que este ano acabam o seu curso. Mas teve razão essa gente nova que tão denodadamente se arriscou a utilizar os serviços da Carris; a festa foi encantadora, e fêz esquecer depressa a série de peripécias e incidentes que caracterizam agora êsse gesto, dantes normal e pacato, de uma pessoa se meter num «eléctrico»...

Representaram os rapazes uma pantomina chamada «Sonho de uma noite de Inverno», de que os frios de Janeiro e a universal figura do «cabo 20» constituíram o motivo principal, num habilidoso e bem urdido «cozinhado» escrito e musicado pelo major Chaby, que o temperou alegremente com os assuntos dominantes na vida do «Menino da Luz».

Os antigos alunos que lá foram, nessa romagem de saúde que sempre reïne no edificio do velho convento homens já de cabelos brancos que por lá passaram, reconheceram com facilidade no amplo e bem decorado salão onde se armou o palco, a vasta camarata da antiga primeira companhia, onde todos êles dormiram a sua primeira noite de Colégio quando foram «gratas»... Mas logo que a representação acabou, e as «bailarinas», a «Carmen Miranda» e o «20» — e todos, alunos e oficiais que participaram na realização do espectáculo — foram chamados ao palco por uma estrondosa ovação; e depois de um sonoro «zacatrás» que alguém da assistência lançou como augúrio de

(Continua na pág. 18)



O pano vai subir. Espreita-se a assistência e dão-se os últimos retoques no «make-ups»...



Entre outras figuras extraordinárias, «o 20» sonhou com esta...



O «cabo 20», «Minerva» e a «Filosofia» des-tacam-se neste grupo irreverente, em que a Deusa da Ciência ensaia um «swing»...

COCKTAIL



Paris libertada continua sem gasolina. É a guerra que não acabou ainda e reclama para si todos os recursos das nações em luta. Mas este pai de família não suportou a idéia de privar os filhos do seu passeio matinal, e resolveu engenhosamente o problema, numa modalidade inspirada nos célebres ciclo-táxis, que fizeram a sua aparição na cidade-luz ainda durante a ocupação alemã.

UM FIDALGO COM ESPÍRITO

Um dia, Luís XIV jogava com os seus cortezãos, e um lance do rei foi considerado duvidoso, suscitando esclarecimentos e comentários. Os fidalgos, porém, no receio de desagradar ao monarca, calaram-se. Então, o rei chamou o conde de Grammont, que estava de parte e não assistira à partida:

— Grammont, diz-me a vossa opi-

nião.
 — Vossa Majestade perdeu! — respondeu, sem hesitar, o interpelado.
 — Como o dizels assim de repente, sem sequer olhar o Jogo?!
 — Reflita, «Srs...» Se houvesse a mínima dúvida, todos estes senhores terjam declarado que Vossa Majestade ganhara...
 Luís XIV riu — e pagou.

“O cinema português

(Continuação da pág. 6)

especialidade, queimado as pestanas a ver bons filmes e trabalhado nos estúdios, sucessivamente, em cargos auxiliares, ao lado dos mestres cá da casa — princípio pelo... princípio, se me fôr permitido o pleonasmol... Em toda a parte do mundo os filmes curtos são a prova de ensaio dos que pretendem lançar-se em mais largos vôos...
 — O Anuário?
 — Deve sair dentro de breves semanas. Ao contrário do que poderiam supor, não é, como os seus congêneres, um volume maçoado,
 «O Anuário divide-se em três par-

tes: a primeira compreende uma série de artigos escritos pelos mais prestigiosos nomes ligados ao Cinema e o «Panorama Histórico do Cinema Nacional»; a primeira história da cinematografia lusitana, num belo trabalho do Dr. Félix Ribeiro. A segunda, é um fichero biográfico ilustrado dos técnicos e artistas da nossa indústria d'effilmes. A terceira — com três sub-divisões: produção, exibição e distribuição — abrange a actividade respectiva em 1943-1944.
 — Outros projectos?
 — Por agora, realizar «Parques Infantis». Depois, outro filme curto, possivelmente sobre uma das grandes riquezas nacionais. E o resto, depende, evidentemente, de como me sair destes trabalhos — e das condições que forem criadas aos novos que pretendem interessar-se pela indústria portuguesa de filmes, e que nem sempre são acarinhados, como merecem...

Ser director de um jornal — eis uma das mais difíceis tarefas do homem!

ESTAR à testa de um periódico lido por muitos milhares de pessoas é tarefa pesada e ingrata, cheia de pegos e povoada de traições. É claro que há muitas maneiras de ser director de um jornal: há os que têm o nome no cabeçalho e não têm idéias na cabeça; e há os que são directores e não dirigem, apenas «digerem» o ordenado que recebem... Mas há também os competentes, os conscientes, os conhecedores da sua profissão — sim, por esse mundo fora há de tudo, até directores à altura da sua função.

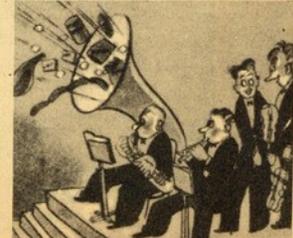
As considerações que a seguir publicamos são de um jornalista norte-americano, e têm por isso especial interesse — é que, aparte a França, são os E. U. A. o país onde o jornalismo está mais sujeito às contingências da opinião pública:

«Não há coisa mais difícil do que dirigir um grande jornal. Se trata muito da política, o público entusiasmava-se, porque está farto de política; se prescinde da política, queixam-se de que o jornal é insípido. Se insere muitas notícias, é mentiroso; se não, pretende encobrir verdades ao leitor. Se tem secção humorística, pretende ser espirituoso; se não, é uma maçada. Se publica originaes, mais valeria que trouxesse boas transcrições; se transcreve, é um parasita que vive da tesoura. Se apoia o Governo, é porque pretende um subsídio; se o ataca, é um agente perturbador da ordem nas consciências. Se é liberal, chamam-lhe demagogo; se é conservador, apodam-no de retrógrado. Se trata da religião, o menos que o apelidam é de hipócrita; mas se não, qualificam-no de hereje. Se aplaude qualquer coisa, é subserviente; se censura, despetado. Se paga pontualmente as suas contas, é porque está enriquecendo à custa do público; se não paga, é um vigarista!»

E aqui têm os leitores uma amostra dos espinhos da profissão. Que, valha a verdade, há alguns directores de jornais com categoria e méritos suficientes para, a tudo isto, responderem com o célebre provérbio árabe: «os cães ladram, e a caravana passa...». Mas são poucos, muito poucos, os que podem manifestar essa olimpica indiferença pelos rumores em volta da sua actividade — é que também são muito poucos os que estão à altura da sua delicada e espinhosa missão.

SINAL DOS TEMPOS

— Lá se esqueceu aquê pateta do sitio onde tinha guardado as suas compras no «mercado negro»!...



1.200 QUILOMETROS À HORA

O tenente-coronel Hough, da aviação norte-americana, é o homem que experimentou a maior sensação de velocidade. Por duas vezes, atingiu a fantástica cifra de 1.250 quilómetros horários, pilotando um «Lightning» e um «Thunderbolt» de modelos especiais, para voo picado. Estes aparelhos estão classificados entre os mais rápidos do mundo.

NAZARETH UMA LENDA E UMA SUGESTÃO

Por um salto lamentável de linha — e só não compreende isto quem não está habituado a lidar com tipografias — não saiu, na reportagem que publicámos com o título «Nazareth — uma lenda e uma sugestão», o nome do autor das fotografias, muito brilhantemente feitas pelo nosso prezado colaborador, sr. João Martins. Que nos perdõem o «salto» o ilustre artista — e, ainda, os nossos prezados leitores.

Página de Mistério e Aventura

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar hoje a nossa página de Mistério e Aventura. Que no-lo perdõem os nossos leitores habituais — na certeza de que, para eles, estamos a trabalhar, no sentido de lhes preparar uma agradável surpresa.

Um calendário de arte

Entre os calendários para 1945 que têm sido distribuídos, merece relevo o calendário da Companhia de Seguros «Império», que reproduz um dos tripticos dos painéis de Nuno Gonçalves, com as tábuas do Arcebispo, dos pescadores e dos cavaleiros. O calendário deste ano completa o do ano passado, em que era feita a reprodução do outro triptico dos mesmos painéis, as tábuas relativas ao Infante, aos Frades e ás Relíquias.
 Merece o maior louvor esta iniciativa da Companhia de Seguros «Império», tanto pelo seu significado como pelo seu valor artístico, digno em absoluto da obra do grande mestre quinhentista.

Cacilda Figueira
AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.
 (Junto das Avenidas: Fontes, Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar)
 Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS * ALTA COSTURA

AGUARDENTE VELHA
Niepoort

A imprensa, as eleições e a política na Palestina

Especial para
"Vida Mundial Ilustrada"

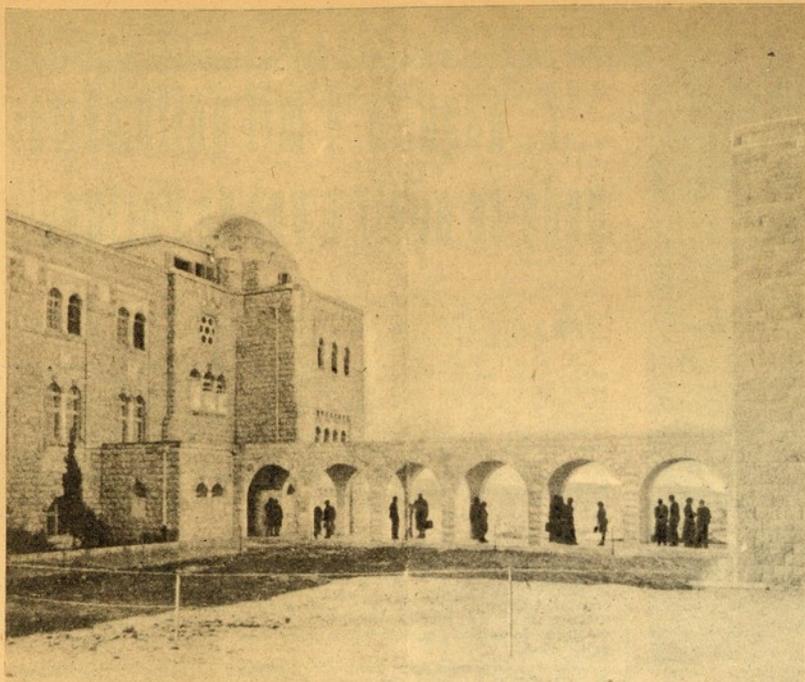
por S. Schmulevitz

paredes de todos os edifícios nas cidades, nas vilas e nas aldeias judaicas estavam cobertas de cartazes e letreiros de publicidade eleitoral das trinta e tantas facções políticas e profissionais corporativas que tomaram parte no plebiscito, e o debaste de papel foi simplesmente enorme. O elevado número de facções pode parecer, à primeira vista, desproporcionado, mas explica-se pelo facto de a constituição democrática permitir a participação de todos os partidos, por mais insignificante que seja o número dos seus filiados. As facções conservadoras e da direita, que perfazem cerca de 30 a 40 % dos eleitores, exigiram, à última hora, alterações na constituição e na forma das eleições e, como não houvesse maneira de chegar a acôrdo, absteram-se de votar. A ausência dos seus mais poderosos antagonistas políticos deu ao partido trabalhista, que tem assumido, ultimamente, vincadas feições nacionalistas, uma estrondosa e nitida maioria de cerca de 65 % nos bancos da Assembléa Nacional. Os restantes partidos socialistas mais radicais e os partidos ortodoxos ficaram em minoria. E quanto aos comunistas não apanharam mais que três lugares dentro dum total de 171 deputados!

Ora, essa miserável derrota dos comunistas não é, de modo algum, surpreendente para quem esteja ao corrente do inclassificável curso político que o tristemente afamado «P. C. P.» (Partido Comunista Palestiniano) tem seguido aberta e subversivamente durante os últimos 15 a 20 anos.

Uma grande parte da população judaica da Palestina é composta de operários, na sua maioria socialistas e mesmo socialistas-radical, mas que estão longe de ser comunistas. A causa do Sionismo, isto é, a redenção do povo judaico disperso pelo mundo fora — e a reconstrução da sua Pátria na Palestina, é a suprema lei que orienta a consciência política da maioria da classe operária. Ora, os comunistas opuseram-se, desde o princípio, à ideia sionista, sabotaram-na com todos os meios que estavam à sua disposição, armaram em «defensores» do pobre «fellah» árabe e incitaram-no contra os intrusos sionistas. Se acrescentarmos a isto que o sionismo era considerado pelo Kremlin, desde a revolução bolchevista, instrumento nas mãos do imperialismo britânico, e que apenas recentemente se faz sentir uma certa mudança na

(Continua na pág. 18)



Esta típica construção é o edifício universitário de Jerusalém e destina-se a formar a juventude judaica

...Não me atrevo a desmentir que, ao escrever estas linhas, me domina um sentimento feito de vergonha e arrependimento, por ter feito esperar os meus amigos e leitores portugueses longos meses até que me sentasse à secretária e redigisse este artigo para «Vida Mundial Ilustrada». As razões dessa demora são várias e, a par da dificuldade e complicação das comunicações postais entre Portugal e o Médio-Oriente, que tira à gente toda a vontade de escrever, pelo recato de os assuntos debatidos terem perdido toda a sua actualidade no momento de chegarem a Lisboa, especificarei, em primeiro lugar, a imprescindível necessidade de uma pessoa aprender a fundo as condições neste ou naquele país, antes de adquirir autoridade suficiente para analisá-las e apreciá-las nos seus diferentes aspectos. Essa precaução está tanto mais no seu lugar quanto é certo que, num turbilhão de correntes e opiniões políticas contraditórias e adversárias, como o é o Médio-Oriente, o jornalista, por mais neutra e imparcial que a sua posição seja, corre o perigo de ser entortado e arrebatado. Imbuído do sincero desejo de dar ao público português uma descrição tanto quanto possível fiel destas terras remotas, dos problemas que as preocupam e dos anseios que as enchem de inquietação, evitet, até agora, de pronunciar veredictos precipitados. Mas, creio que este prefácio já está a ser excessivamente longo e, por isso, fico-me por aqui.

«Qui s'excuse, s'accuse» — já lá o dizem os franceses...

Uma das minhas primeiras visitas, em Tel-Aviv, fiz-a, em companhia de um camarada de ofício, à Associação dos Jornalistas Hebraicos em Tel-Aviv. Na sede desta associação, situada no «boulevard» Rotschild, que é uma das artérias mais elegantes da cidade, fomos recebidos pelo seu presidente, o sr. José Hefman, que é, ao mesmo tempo, director do jornal conservador «Haboker» — um homem de meia-idade, alto, cordial e de cabelos brancos, mas com um sorriso que parece eternamente jovem, e pelo secretário da associação, Danzigerkorn, uma típica figura de intelectual judeu, diligente e ágil, sempre apressado e ocupadíssimo como um Primeiro Ministro. Após uma prolongada e interessante conversa, ladeados de bôlos e copos de chá, durante a qual nos forneceram valiosos esclarecimentos e nós os informámos a respeito da posição de Portugal perante o actual conflito, mostraram-nos a sede da Associação, constituída presentemente por cerca de 130 membros.

Fiquei impressionado com o conforto posto à disposição de frequentadores, e a nossa admiração foi ainda maior quando nos falaram da maneira eficaz como a Federação vela pelos direitos dos seus sócios. O espírito de camaradagem que reina nos salões da Associação é exemplar e surpreendente para quem tenha apenas noções superficiais da vida política da população da Palestina. Os directores dos jornais pertencentes às mais antagónicas facções políticas encontraram-se regularmente, a fim de trocarem impressões, os repórte-

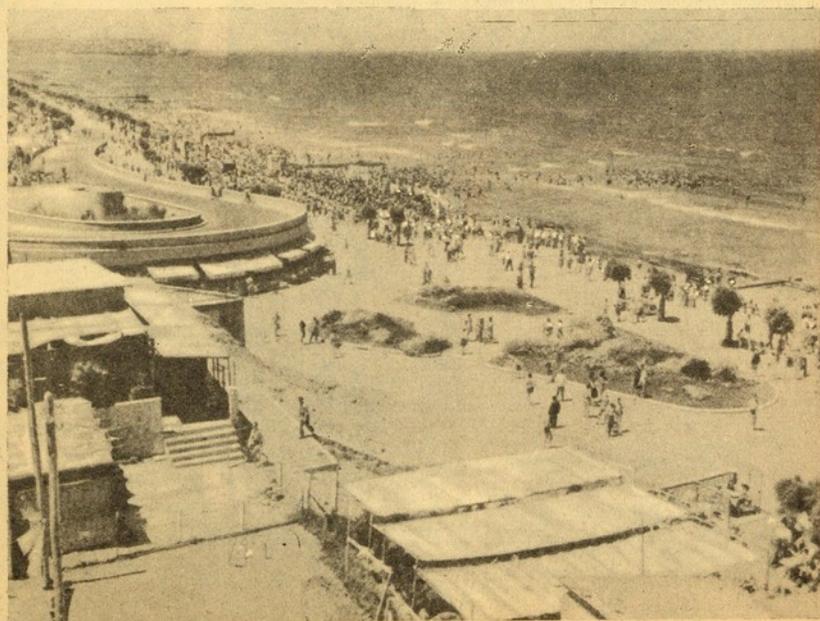
res de jornais que travam violentas polémicas entre si permutam amigavelmente valioso material de informação ou jogam xadrez nas horas vagas que a árdua profissão de repórter de vez em quando lhes deixa...

E, assim, ainda há dias assisti, na sede da Associação, a esta cena curiosa: O director de um jornalico, que vive de «sensações», havia atacado publicamente certo grande diário que, tem tempos, promovera nas suas colunas uma subscrição para erigir um monumento público. Passaram-se alguns anos sem que o monumento fôsse erecto e o jornal prestasse contas sobre o destino do dinheiro. Os dois directores estavam a jogar o xadrez na maior intimidade, quando, de súbito, o director do jornal atacado atrai ao outro, entre dois lances, a pergunta:

— Diga-me lá, com franqueza, ó Abraão, você acredita a sério nas suas acusações?

— Você não percebe, amigo Samuel! — responde o outro com a cara mais ingénua deste mundo. — Naquele dia faltava-me uma «sensação» para a primeira página... Não está zangado, pois não? Prometo-lhe publicar um desmentido!

As recentes eleições não conseguiram abalar esse espírito de solidariedade profissional. Com efeito, a Palestina acaba de ser sacudida por uma violenta febre eleitoral. Depois de 13 annos de intervalo, a população judaica foi às urnas para eleger os deputados para a sua Assembléa Nacional. As



Tel-Aviv, uma cidade moderna, com a sua elegante frequência e grandes edifícios

“Lisboa, Emissora Nacional”...

...E, daqui a 4 mil quilómetros pode-se ouvir a voz de Portugal!

«A QUI, Emissora Nacional...». No Atlântico, na costa do Índico, nas terras de África, pela Europa e na América, poderá agora ouvir-se a voz de Portugal, a sua música, o índice da sua cultura, o arfar da sua vida!

Já não é a tímida, a velada voz de Barcarena que fala da nossa gente para a nossa gente. Pela voz da nossa rádio, do Centro Emissor Nacional, agora inaugurado em Castanheira do Ribatejo, Portugal entrou no concerto das nações, faz ouvir a sua opinião entre os que são de fora. Deixámos de fazer uma política radiofónica caseira e passámos a ter assento entre as demais nações — radiofonicamente falando. Agora, sim, já nos fazemos ouvir com a certeza de que «os outros» nos apreciam ou depreciam. Agora, sim, falamos com a certeza de que nos ouvem. E, por isso mesmo — fêremos por que, sabendo-nos ouvidos, sejamos apreciados naquele grau de perfeição que, indiscutivelmente, poderemos atingir.

* * *

Num solo raso e úmido, como a antena pedia, e dentro de um plano a que anda ligado o nome, a vontade e a acção do falecido ministro Duarte Pacheco, lá está, em Castanheira do Ribatejo, na planície imensa — o novo Centro emissor, construído por portugueses, para nacionais e estrangeiros, com uma potência de 50 Kw, com um consumo de 175 Kw por hora, ou seja: para alimentação do emissor, qualquer coisa como uma potência que equivale a 260 quilómetros.

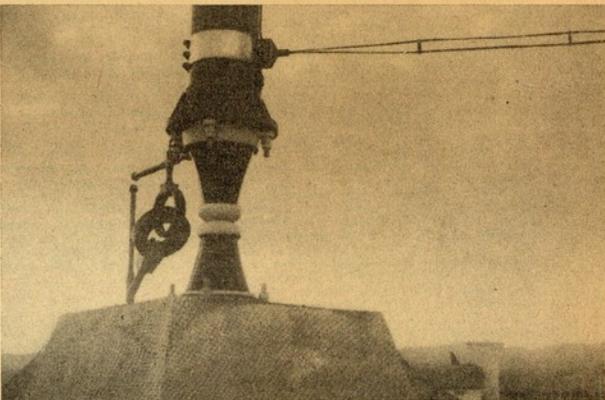
Números fornecidos pelos técnicos da Emissora: um gasto, em electricidade, de 1.500.000\$00, à tarifa utilizada pelo ouvinte.

A antena do novo emissor, diferente das habituais, pois que não lembra a Torre Eiffel, tem 180 metros de altura e é constituída por doze secções tubulares, com quinze metros cada uma — o da base com dezanove metros de diâmetro, o da extremidade superior com dezanove centímetros...

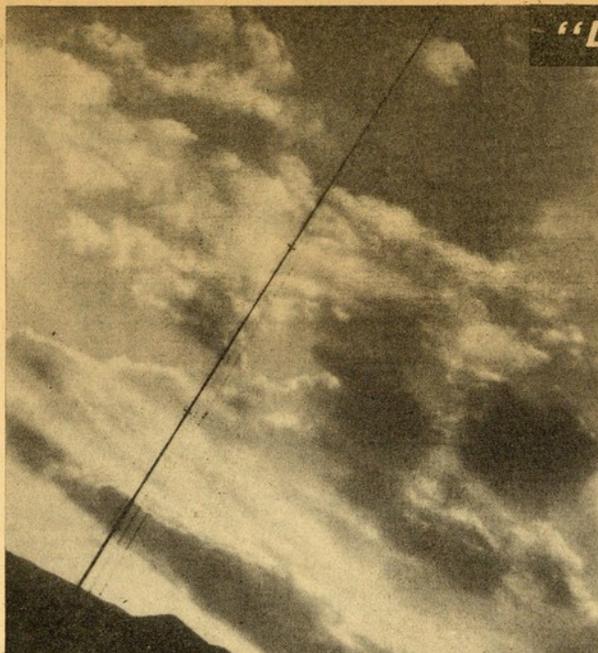
E, agora, um número impressionante e duas notas para fechar este apinhado de reportagem: tem vinte quilómetros de extensão o fio de cobre que, debaixo do chão, constitue a «terra de antena»; no topo da antena, pintada de vermelho e branco, como manda o regulamento internacional de sinalização aérea, foram colocadas três ordens de esferas luminosas vermelhas que servem de farol aos pilotos em voo nocturno.

A inauguração do Centro Emissor Nacional de Castanheira do Ribatejo — e de Barcarena, coitado, foi reformado — fez-se com a presença do Chefe do Estado, membros do Governo e elementos mais representativos da vida pública.

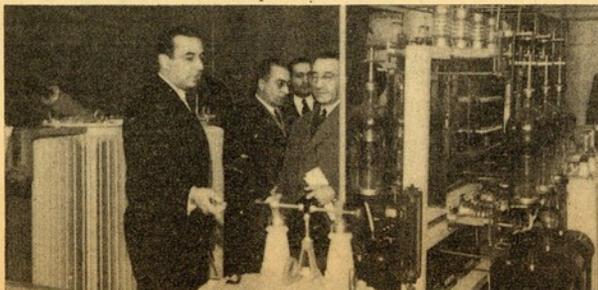
O que este melhoramento representa — o tempo e a experiência o dirão, na sua linguagem expressiva e eloquente.



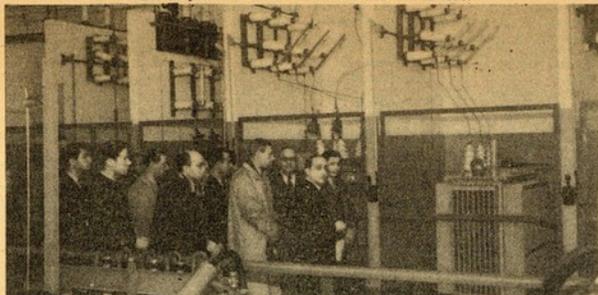
A base da antena onde assenta o primeiro tubo, que mede dezanove metros de diâmetro. A última secção tubular, bem lá no cimo, mede dezanove centímetros



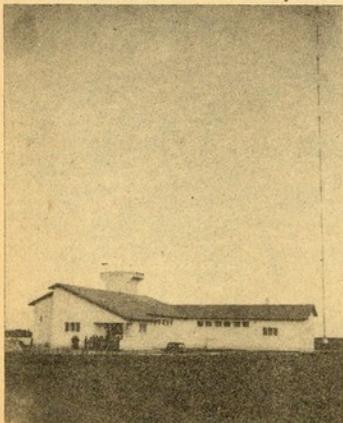
Como um estilete a perfurar o céu, a antena, de 180 metros, parece querer romper as nuvens



Na véspera da inauguração oficial, a Emissora Nacional convidou os jornalistas e os revendedores de rádio para uma visita. O sr. Eng. Manuel Bivar foi o amável cicrone dos visitantes.



Aquí, de novo o director dos serviços técnicos da Emissora, sr. Eng. Manuel Bivar, presta os seus esclarecimentos aos representantes da imprensa



Ao longe, o Centro emissor. E, a seu lado, como uma afirmação do tempo pelo espaço, a grande antena...



O sr. general Carmona e os membros do Governo que o acompanharam a Castanheira de Pera — medem, com a vista, a distância que os separa do último milímetro de antena!

Tudo depende de...

TUDO deve depender, afinal, dos termos efectivos em que tiver decorrido a reunião dos «Três Grandes», a que, pelo menos provisoriamente, se pode chamar «A Conferência do Mar Negro».

A afirmação clara de um sentido prático de colaboração, expressa na movimentação coordenada da actividade intensa em todas as frentes europeias, dificilmente deixará de fazer ver as suas consequências quanto à possível proximidade de liquidação da contenda, cujas perspectivas no espaço geográfico têm vindo a reduzir-se em proporções inversamente proporcionais à importância que todos lhe reconhecemos na relação do tempo. A simples enunciação de princípios vagos, que não se concretize na acção militar simultânea e conjugada, significará que a decisão permanece em suspenso, à espera do que der e vier.

Esse «que der e vier» ninguém sabe o que possa vir a ser — embora seja fácil a cada um lançar-se em especulações próprias e tentar adivinhá-lo. Seja como for, revelar-se-á como razão de ser do que, há pouco mais de um mês — a 11 de Janeiro — aqui concretizámos nas conclusões da manifesta insuficiência de funcionamento da coligação anti-alemã: «Essa evidência não há cortina que a faça encobrir e, na altura dos maiores desaires alemães, quando sempre aparecem pessoas que perguntam — «Que é que eles esperam?» — bem se lhes pode responder que é mesmo dêsse quadro de colaboração inexistente ou insuficiente que Berlim extrai as razões para prolongar a resistência».

O primeiro comunicado da reunião — o único de que dispomos à data de ordenar este comentário, não é, pelos seus termos, de molde a simplificar a tarefa de quem procure simplesmente esclarecer os factos, sem se aventurar em perigosas suposições. Fala do «acórdio sobre as operações militares conjuntas, na fase final da guerra contra a Alemanha», cujos planos pormenorizados se dizia estarem a ser estabelecidos, conjuntamente, pelos Estados-Maiores militares dos três governos. Pode, na verdade, considerar-se que essa seria a parte fácil da conferência: três potências em guerra com uma outra não terão dificuldade de descobrir o lugar, o tempo e o processo mais convenientes para conjugar o seu esforço militar. Mais difícil será, entretanto, decidirem-se a fazê-lo, pois para isso será necessário terem-se fixado num mínimo de objectivos políticos a atingir. Pelo contrário, desde que esses objectivos se afigurem remotos ou difíceis de harmonizar, cada um dos associados poderá perder o interesse por apressar o desfecho militar da guerra, pois que se lhe torna de momento invidível o seu desajado desfecho político.

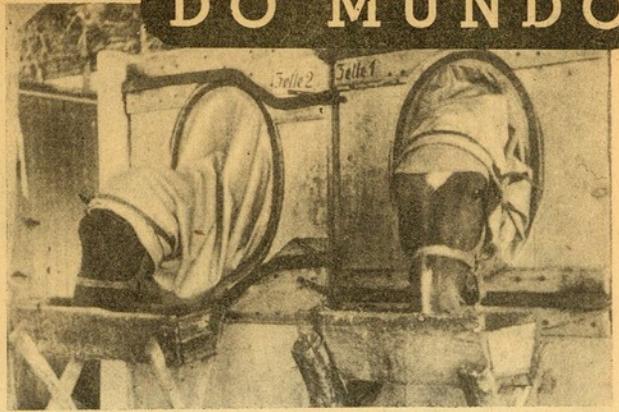
Quanto a este último ramo de interrogações, o comunicado n.º 1 da Conferência do Mar Negro dizia que se tinham «iniciado as discussões sobre os problemas abrangidos pelo estabelecimento de uma paz futura», no que se incluem os aspectos referentes à ocupação militar da Alemanha, problemas políticos e económicos da Europa libertada e propostas para o estabelecimento de uma organização internacional permanente para manter a paz.

Programa vasto, como se vê, que propõe levar as discussões até às suas últimas consequências; reunião de dirigentes de três países ainda empenhados na guerra, mas cuja maior preocupação deixou de ser a própria guerra para se prender, antes, às condições da sua liquidação e consequências mais longínquas. Do grau de acórdio, incondicional ou mitigado, a que tiver sido possível chegar se poderá deduzir por quanto tempo ficará ainda lavrando a fogueira mortífera que devasta a Europa.

Não deixa de ser curioso, entretanto, registar que a primeira declaração oficial sobre a conferência dos «Três» veio de Berlim. O Ministério dos Estrangeiros alemão, antes que viesse notícia concreta da reunião, entendeu oportuno afirmar que a Alemanha nada teria a responder, senão com a continuação da resistência, enquanto não tivessem para lhe oferecer mais do que a fórmula repetida de «rendição incondicional». Se é possível fazer deduções destas fórmulas vagas de que sabem servir-se as chancelarias, talvez que a declaração da Wilhelmstrasse mereça ser lida, pelo menos, duas vezes.

J. R. S.

DO MUNDO



Vendo-os assim, podemos supor que estes inocentes animais, são apenas vítimas do frio. E, por isso, foram protegidos. Todavia, o caso é outro. Podemos informar que estes cavatinhos não são vítimas do frio — mas da guerra. Sofreram os efeitos dos gases intoxicantes e, agora, estão num lazareto em tratamento.

Para um mundo melhor?

ESTA a acabar de cair em ruínas o mundo que, em 1939, se lançou nesta hecatombe tremenda. E pois que não fomos responsáveis da desgraça, congratulemo-nos, ao menos, com certos aspectos de alta justiça que vão surgindo da catástrofe. A notícia aparece-nos na primeira página de um jornal parisiense: «A convenção fiscal entre os Estados Unidos e a França atinge directamente os grandes trusts».

Diz o periódico: «Os trusts não apanharam na cabeça, mas num sítio também muito doloroso: na carteira! A convenção fiscal entre a França e os Estados Unidos diz claramente que as empresas americanas com actividades em França ficam sujeitas às mesmas investigações e obrigadas a formar os mesmos elementos de controlo que as francesas. Assim, terão de sujeitar-se ao pagamento, feito ao Governo francês, nas proporções em que este cobra sobre os lucros das sociedades francesas. É uma verdadeira aliança fiscal que se assinou entre a França e os Estados Unidos — diz o jornal, que conclue: É a eliminação, para os gananciosos sem escrúpulos, do país de refúgio».

É o despertar de um novo mundo, o que esta medida anuncia?

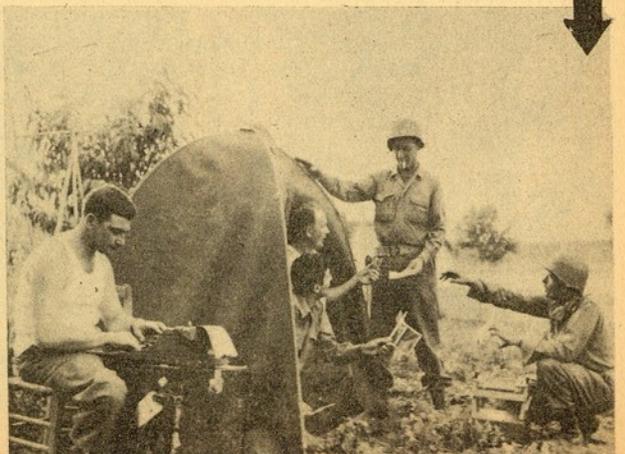
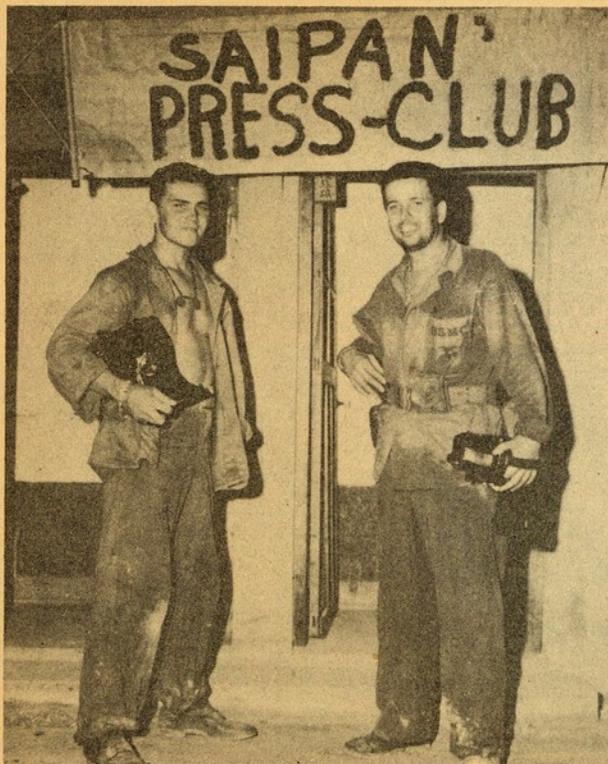
Se é pena que fôssem necessários quasi seis anos de guerra para começarem a aparecer estes acórdios — que dão a impressão de que os homens responsáveis só agora «acordaram»...



Parece que neste sorriso há um compromisso tomado para com o moribundo: batemo-nos por um mundo melhor. Podes partir em paz!

OS OSSOS DO OFICIO

ÊSTES são os nossos camaradas na imprensa: correspondentes de guerra, reporteres gráficos, gente que luta duramente na frente da batalha, cobertos de lama, sujos de suor e de poeira, sem conforto e com a vida constantemente em perigo. Num recanto de Saipan, os correspondentes de guerra instalaram o seu club de imprensa. Ali escrevem, ali acondicionam as suas remessas de material fotográfico. Mas nem sempre é possível ter um «club». As vezes — quasi sempre — a barraca de campanha arma-se em pleno ar livre e improvisa-se assim uma associação de Imprensa...





Na engomadoria, as doentes não dão mostras do estado das suas almas enfermas.



A formosa galeria, obra da Madre Superiora, ambiente de tranqüila cura, onde as doentes passeiam e conversam.



O ilustre psiquiatra, dr. Almeida Amaral, conversa com as doentes procurando entrar na intimidade do seu espírito. Feito o diagnóstico, em dias sucessivos de observação de reacções e mímica das enfermas, indica-se o tratamento e a ocupação terapêutica.

CÉREBROS SEM LUZ VIDAS SEM VIDA

UMA VISITA Á CASA DE SAÚDE DA IDANHA, HOSPÍCIO DE ALIENADOS

que melhor vai à variante da sua enfermidade. E, assim, lado a lado das Irmãs que trabalham com elas, as doentes lavam, cosem, engomam ou bordam.

Existem, na Casa de Saúde da Idanha, pavilhões para enfermas da Assistência e para pensionistas. E, embora a situação social as separe, o estado dos cérebros une-as, impiedosamente, no mesmo destino de trevas, na mesma luta para a luz.

Paranoicas e esquisofrénicas reúnem-se na mesma sala, alheias à vida que rodopia fora das paredes que as cercam.

Enfim, quando lhe falam ou pensa num manicómio, o leitor que quadro põe na sua frente? Talvez o barulhento, o da confusão, aquêle mesmo que Dante não sonhou? Todavia, como se enganar! Por muitos corredores e salas que atravessemos, recolhemos sempre a mesma impressão de calma e tranqüillidade...

Talvez, também, quando pensa nos doentes furiosos e nos processos de os dominar, o leitor recordará o clássico «colête de forças». Todavia, ainda, o leitor se engana aqui. O processo é mais humano. E, assim, para acalmar as furiosas ou as agitadas, segue-se a terapêutica do choque: no electro-choque, a doente perde a consciência e sofre convulsões generalizadas, semelhantes àquelas que se verificam num ataque epilético. Ao acordar, esquece as perturbações que a tornaram insaciável e perigosa para regressar à sua vida calma, tantas vezes.

A insistência neste tratamento — que, ainda assim, pode considerar-se dramático — faz com que a pobre louca regresses à normalidade e a sua alma recupere a claridade extinta.

Mas, enfim, o leitor sempre se resolve a acompanhar-nos.

E, então, aqui estamos a assistir ao tratamento de outra doente pela terapêutica da «insulina». Vê? Estamos diante de uma rapariga. Não deve ter muito mais de vinte anos. Tão jovem, tão no direito de gozar a vida, ela sofre, coitada, da doença mais grave e tão vulgar nos hospitais psiquiátricos: esquisofrénia.

Mas, atenção e cuidado! O choque, provocado por este tratamento, leva as doentes às mais próximas vizinhanças da morte...

Uma alimentação açucarada, porém, como que as restitue à vida. E, se a cura não vem sempre, pelo menos virá agora um período de calma e de repouso de espírito.

* * *

Continuemos, porém, a nossa digressão. Há ainda muito que ver e ouvir. Por exemplo: o laboratório de análises clínicas, provido de material moder-

níssimo, salas de estomatologia e as de pequena e grande cirurgia.

Aqui — esta última — foi muitas vezes testemunha de operações ao cérebro, pelo processo do professor Egas Moniz — leucotomia — restituindo a loucas, quasi consideradas incuráveis, a saúde mental e, com ela, a razão perdida.

Ao percorrermos a magnífica galeria de recreio das doentes, encontramos muitas que lêem, outras que passeiam e uma, até, que se distrai executando uma valsa num bandolim...

Abordamos esta pobre doente, aqui hospitalizada há cerca de duas dezenas de anos. É uma paranoica. Apesar da sua alma se manter imersa na escuridão, no seu espírito brilham centelhas de temperamento artístico, cultura e educação.

Fala-nos de poetas e das suas poesias, e recita-nos, primorosamente, em francês, um trecho de Lamartine.

Sente, até os olhos se umedecerem de lágrimas, a beleza dos versos.

Insinuamos à doente os seus recursos musicais, e imediatamente ela acode à lembrança referências à música de Chopin, Beethoven, Schubert e Schumann...

— Basta a «Patética» que Beethoven compôs, para definir o génio de um

maestro! — diz-nos ela com veemência e num claro lampejo de lucidez de espírito.

E é ela, então, que nos leva a visitar a dependência que ocupa. Novo contraste, nova faceta do seu espírito de artista. Esta alma doente revela-se como pintora e desenhista. Quadros a óleo e desenhos cobrem as paredes e espertam pelas gavetas da cómoda, entreabertas e atafalhadas.

Há uma infinidade de retratos desenhados de gente que se conhece.

Perante esta quantidade e, de algum modo, perante a perfeição de muitos desses desenhos, não resistimos à tentação de lhe pedir os que publicamos e que são a afirmação de uma evidente intuição artística.

E deixamo-la, a ela e a todas, ainda em sua companhia, leitor. Sob a vigilância constante do ilustre director, dr. Almeida Amaral, do dr. Contente Fernandes, médico da clínica geral, da abnegação e bondade da Madre Superiora e da caridade das Irmãs enfermeiras, aquêle meio milhar de cérebros sem luz e vidas sem vida, espera, resignadamente, que um raio de luz volte a iluminar-lhe o pensamento, clareando-lhe a razão...

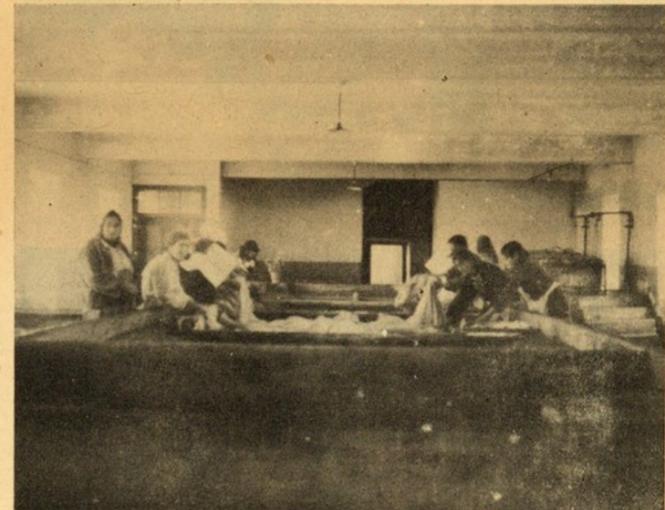
TORRES DE CARVALHO



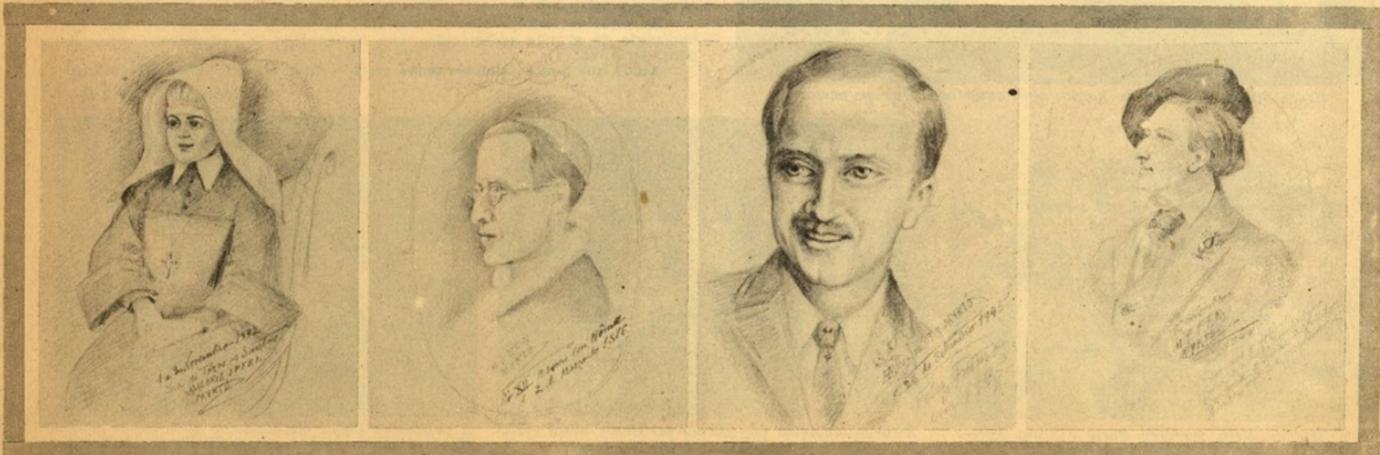
Uma doente com o diagnóstico de mania aguda, mostra quasi permanente boa disposição e hiperactividade. Mostra-se exuberantemente alegre e posa, com satisfação, perante a objectiva da máquina fotográfica.



Na companhia de uma Irmã que trabalha com elas, as enfermas costumam.



Na lavandaria, as doentes agitadas distraem o tempo ocupadas na lavagem da roupa.



Uma doente esquisofrénica, submetida ao tratamento pela insulina, assistida pelo dr. Contente Fernandes e uma Irmã enfermeira.



Patrícia Lancaster, a protagonista de «A Noiva do Brasil», numa cena do acampamento de ciganos, onde foi recolhida, depois do temporal.

≡ CINEMA NACIONAL ≡

A NOIVA DO BRASIL

NA próxima segunda-feira, 19 do corrente, estreia-se no Tivoli o filme português «A Noiva do Brasil».

A estrela dum filme neste ou naquele cinema, não é assunto que mereça relevo especial pela regularidade e vulgaridade do acontecimento.

Mas trata-se dum produção nacional, trata-se dum esforço louvável para enriquecer a indústria nacional, dum motivo para demonstração da nossa capacidade artística, da exaltação dos valores portugueses de Portugal.

Qualquer iniciativa arrojada — que esta é por excelência — deve merecer carinho especial, e a feitura dum filme na nossa terra não deve passar despercebida a quem se orgulhe de ter nascido em terras benditas de Portugal.

Dal, o propósito de trazer para primeiro plano do nosso noticiário a estrela no Tivoli do filme «A Noiva do Brasil».

Inquirimos junto do director do filme, o ilustre jornalista Santos Mendes, do que pudessem interessar o público sobre o seu novo trabalho.

Recusa formal de entrevista. Entretanto, algumas afirmações produziu que nos apraz registar. O filme, no seu aspecto geral, é uma comédia policial entrecortada por alguns números musicais que fazem dela um espectáculo agradável e leve.

Sem pretensões a super produção, nem a que ele venha trazer ensinamentos catadráticos ao cinema nacional, procurou-se fazer de «A Noiva do Brasil» um espectáculo que não envergonhe as produções nacionais.

Todos os artistas e colaboradores fizeram o melhor. Patrícia Lancaster, que desempenha dois papéis, um de menina ingénua e outro de aventureira internacional, vai afirmar-se uma artista de futuro para o cinema nacional.

Virgílio Teixeira, galã experimentado, dispensa referências pomposas. O público se encarregará de julgar da probidade do seu trabalho.

Oscar de Lemos, que tem neste filme uma actuação proeminente, deve conquistar o público com a sua alegria e boa presença e ainda na canção «Vá lá mais um», música 100 % popular.

Virgílio Macieira, o actor sóbrio que o público já conhece do teatro, interpreta um aventureiro que vive à margem da lei, com alguns momentos de invulgar intensidade dramática.

Erico Braga, no papel de comandante do navio; Marius o maior ventríloquo da Europa, faz um detective de bordo; Mimi Extremadouro, Graciete de Melo e Pompeu Faria, cantam uma desgarrada na feira das Mercês.

A vedeta da rádio nacional Maria Sidónio, canta uma canção brasileira: «Meu amor foi p'rá Europa», canção que deve também popularizar-se.

A música, do prof. Jaime Silva (filho), completa os motivos de satisfação de Santos Mendes.

Sabemos entretanto que o filme tem momentos emotivos, tal como um naufrágio de grande espectáculo, uma perseguição de automóveis, cenas de pancadaria, etc.

Ainda que Santos Mendes tenha evitado falar do seu trabalho recusando-

(Continua na pág. 18)



A bordo, a vida corre alegremente, como o demonstram Óscar de Lemos e Barroso Lopes.



Erico Braga, imediato de bordo, olha assustado. Que se passa?



Graciete de Melo, Pompeu Faria e Mimi Extremadouro, numa desgarrada.



Ricardo Malheiro não parece satisfeito, nesta cena em que intervem Patrícia Lancaster.



A Orquestra Típica «O Bando do Sol», com a actriz Maria Sidónio, numa cena animada de «A Noiva do Brasil».



Má-Cé-Hwang, escritora e conferencista chinesa tem o encanto de uma flor europeia, mesmo assim vestida

SKO, de facto, orientais os dois traços oblíquos que formam os olhos expressivos de Má-Cé-Hwang; mas parisiense é o porte, as atitudes, a elegância «raffinée» de Marcelle; de Juan projecta-lhe a graça espanhola e pétalas de orquídeas lembram suas mãos ondulantes e seus lábios vermelhos como a flor sua homónima que, como a dama das camélias, Marcela gosta de trazer ao peito.

Sintetisemos: Marcelle para sua mãe, senhora belga; Má-Cé, que quer dizer: preciosidade e império, para seu pai, da dinastia dos Hwang do Celeste Império; Gosto-de-Orquídeas, o cognome-mimo na intimidade, e de Juan que veio ajustar-se a Marcela pelo casamento com um diplomata madrileno. «Cocktail» delicioso é esta curiosa mulher que, com suas conferências de temas chineses, vem saciando um mundo de admiradores do Oriente, dos seus mistérios, fantasias e superstições, da sua extraordinária evolução e adaptação ao século que passa.

O seu livro «Cenas da vida popular na China» foi uma revelação. Coube agora a Lisboa, depois de Madrid, Bruxelas, Genebra e outras capitais da Europa, o prazer de ouvir a simpática conferencista. Apresentou-se primeiro na Sociedade de Geografia desvendando-nos o teatro chinês, cujas vestes e caracãs — espécie de carapuças carnavalescas — definem o valor moral e a categoria do personagem, e onde, como no teatro de Pirandello, não são mais que um fundo. Janelas, portas, adereços, tudo é imaginário. Há poucos dias, no palco do Nacional Marcela de Juan voltou a falar-nos, mas desta vez da serena e segura emancipação da mulher na China.

Disse a sua primeira conferência em espanhol e a segunda em francês, línguas que fala tão correctamente como o italiano ou o chinês.

Assistimos, sorrimos, enternecemos-nos e aplaudimos tal como toda a gente que encha a platéa

MÁ-CÉ-HWANG

GOSTO DE ORQUÍDEAS OU MARCELA DE JUAN

Quatro nomes diferentes e uma só pessoa: a mais notável escritora e conferencista chinesa

do velho teatro. Mas nem todos, como nós, tiveram a dita de entrar para além dos bastidores e de lhe falar.

Aos que não assistiram contaremos que a conferencista, diferentemente do usual, se conservou de pé junto e ao centro do proscénio, vestindo uma linda «toilette» verde-sêco sobre que assentava a «cabala» dum verde cambiante, debruada a preto e apertava nas mãos esguias de gestos suaves e bem estudados um lenço de rendas substituindo os irritantes e costumados papeluchos rabiscados. O ponto se encarregou de lhe ditar o seu trabalho brilhante, de bom estilo e espírito, e o tema — depois de algumas palavras enaltecendo Portugal colonizador — foi sempre de interesse crescente.

Surgiu-nos da sua palavra fluente e nítida a China supersticiosa, activa, patriarcal e gloriosa; suas originalidades e riquezas e, principalmente, a mágica evolução dos seus centos de milhões de mulheres que deixaram de ser «bibelotas» para ostentar as equipas dos vários desportos como preparação física indispensável, e optaram pela super-alimentação como o mais rápido caminho para o rebuscamento em vez dos ingénuos bagos de arroz...

Elevou ao nível que merece a mulher que abollu sem lutas as torturas impostas de trazer ligados os seios para se não desenvolverem, de obligar os pés dentro de talas para não crescerem...

— A China americanizou-se — disse — sem perder a sua vitalidade estranha e quasi sobrenatural. Sem abandonar a poesia dos seus pássaros e das suas flores. A mulher passou através essa poesia e adaptou-se ao momento actual sem perder a feminilidade que a caracteriza. Cursou universidades em Pequim ou concluiu magistratura em Changhai; marca na engenharia, nas artes, nas ciências e nas letras; no lar é árbitro, ordena, trabalha e quer, mas não esquece que o marido chinês não pode morrer sem descendência, e que aquilo que une a China aos quatro pontos do Universo é a família!

Por isso, apesar dos seus cabelos cortados e frisados, a mulher china ainda hoje se submete a usos como o que dá liberdade ao homem de mudar de esposa se esta não fecundou. Porém, a mulher-mãe é altamente respeitada.

Contou-nos, seguidamente, que o casamento é apenas uma combinação verbal entre as famílias que são apresentadas por dois emissários escolhidos pelos noivos, e que não há escritura nem contrato, podendo a mulher casar logo que complete os 14 anos, e terminou pela vibrante descrição das canções de amor na China, em geral sempre tristes.

Mas não ficou por aqui o nosso desejo de saber coisas do Oriente. Conseguimos que Marcela de Juan nos recebesse no hotel antes de partir para Madrid.

Conversámos no salão e, por fim, subimos ao seu «appartement», onde reinava o desalinho das malas em armarção. Enquanto trocava a «cabala» de crepe de China mesmo com incrustações de tule preto, pelo «tallieur» também preto de diagonal sobre uma blusa branca e vaporosa,

Los elementos orientales, que integran a alma tão complexa y multiforme de la mujer portuguesa, hacenla especialmente apta para a comprensión e o amor da mulher chinesa. A mulher portuguesa possui um espirito refinado e subtil que está cheio de afinidades com o espirito da mulher oriental; não posso expressar mais profundamente o elogio que isto para mim significa.

(M. C. Hwang)

Vol. 1 - 2 - 3 -

Eis a tradução: os elementos orientais que integram a alma tão complexa e multiforme da mulher portuguesa fazem-na especialmente apta para a compreensão e o amor da mulher chinesa. A mulher portuguesa possui um espírito refinado e subtil que está cheio de afinidades com o espírito da mulher oriental; não posso expressar mais profundamente o elogio que isto para mim significa.

foi-nos confiando para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» estas saborosas curiosidades:

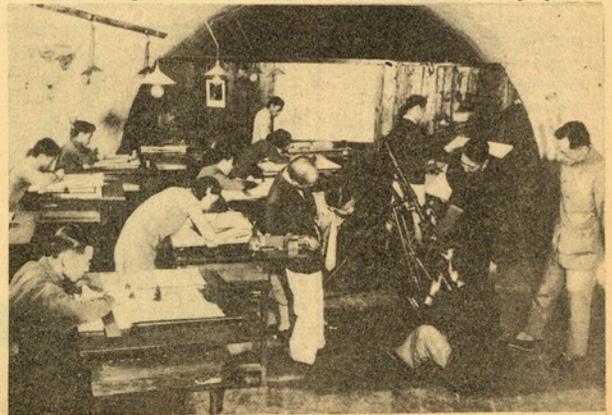
Ao nome, entre nós correntio, de Maria corresponde na China o nome de Ju-Luo, que quer dizer exactamente: mulher; às antigas cidades de Pequim e Changhai foi sobreposta uma moderna e florescente cidade: Chung-king, que a artéria «chica», espécie de Chiado, se chama, ali, Chung-Chen; e que o ritual máximo da superstição chinesa consiste em contar com a presença dos mortos nas cerimónias, reuniões, festas, etc., sendo os seus lugares na mesa guardados e servidos como se ali estivesse alguém.

Aos brindes tocam os copos sem dono e evocam os nomes dos ausentes na eternidade...

Marcela de Juan está pronta. Prende na lapela uma grande flor vermelha, aveludada. É uma formosa orquídea. A propósito, e já a descermos o elevador, sabemos que a flor mais usada na China é a Mai-Nua, a flor de inverno, aquela flor múltipla que ornamenta jarrões e blombos de xarbo, a mesma simbólica flor que aparece nos leques e nos postais coloridos de «gheissas» e dragões. Para «Vida Mundial Ilustrada» escreve especialmente uma frase autografada e dirigida à mulher portuguesa, e tem palavras da mais elevada admiração pelo «magazine» português que tanto se tem interessado pela sua China longínqua.



A glória dos feitos da mulher chinesa não caem sobre aquela que os pratica. São os pais, são as mães quem recebe o prémio dos filhos, porque a eles cabe a honra da sua educação



Hoje, na China, há homens e mulheres engenheiros e arquitectos que trabalham dentro do melhor espirito de camaradagem, para o engrandecimento da pátria martirizada

OIÇA O RÁDIO DE SOM MARAVILHOSO



Centrum

O ÚNICO RÁDIO DO MUNDO QUE REPRODUZ FIELMENTE TODAS AS NOTAS DA ESCALA
A venda nas boas casas de rádio

Distribuidores em Portugal para revenda: **FILRADIO**

Rua da Madalena, 66, 2.º, Dt. — Lisboa

Distribuidores no norte do País: **PERES PESSOA & C.ª L.ª**

Rua Fernandes Tomaz, 749 — Porto

Distribuidores no centro do País: **MONTEIRO & IRMÃO, L.ª**

Largo da Portagem, 5 — Coimbra

INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas frieiras de

BAUME BENGUÉ

e a vida continuará
NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHAM
OS MOVIMENTOS

*Adquirir por Esc. 15\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido*



BAUME BENGUE

O ANALGÉSICO DAS DORES

PEÇA NA SUA PAPE-
LARIA OS PRODUTOS
«Horus» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.ª
FABRICA: TRAV. DAS AGUAS VIVAS, 11
TEL. 504-47
NOVA FABRICA DE POLYORA, 22-A
TEL. 504-47-48
LISBOA

E O PERFIL DO SEU ROSTO
SERÁ IMPECÁVEL DE BELEZA!

Ainda que o trabalho seja árduo e o desporto violento, o **Oatine Cream** garantir-lhe-á um parecer róseo de permanente beleza, que, no conceito do homem, constitui a essência da verdadeira formosura. O **Oatine Cream** é o produto mais científico,



o mais recomendado por médicos eminentes, como possuidor das propriedades indispensáveis ao alimento, conservação e restauração dos tecidos cutâneos, sempre o preferido pelas mulheres inglesas.

À venda só nas boas casas, em bisnagas e boões de vários tamanhos

Durante o dia empregue **Oatine Snow** o creme oxigenado, que dá à cutis um aveludado de incomparável beleza.

Oatine

Depósito: Trav. do Cotovêlo, 37

COMPANHIA ALCOBIA

**FORNECEDORES
DOS MELHORES
E MAIS LINDOS
MOBILIÁRIOS**

CÓMODAS DE ESTILO * PORCELANAS DE SAXE * ESPELHOS DE VENEZA * CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA * TAPEÇARIAS * MARQUISSETES E VOILES SUÍÇOS * CARPETES DE LÃ *

★ **COMPANHIA ALCOBIA** ★

RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capelo) / Telef. 26441 / LISBOA



*As pessoas elegantes
calçam os sapatos*

Cristal

Telefone 42424

RUA DO SALITRE, 42-D



Protege a sua cutis do sol

MATITÉ — sem talco — verdadeiro prodígio de embelezamento feminino, é o pó de arroz adequado para fazer realçar as linhas graciosas da mulher. Preparado cientificamente, é magnífico para todas as peles.

L.T. PIVER

Da Suécia a Lisboa?

EM tempos contámos nestas colunas a história de Gunder Hägg e Ann Andersson, os dois extraordinários campeões suecos de atletismo, apostados ambos em encurtar o tempo do percurso dos 1.500 metros!

Os famosos corredores, ídolos do seu país, os mais simpáticos e persuasivos embaixadores da Suécia, na expressão feliz de um conceituado jornalista daquela nação nórdica, revolucionaram a América do Norte, batendo nitidamente os melhores especialistas do Novo Mundo e alcançando marcas verdadeiramente fantásticas. A sua estadia na América foi relativamente longa. Os seus métodos de treino, a sua preparação, o seu regime de vida, foram cuidadosamente estudados pelos técnicos americanos, ávidos de copiarem os «figurinos» e aplicá-los aos seus atletas — que pretendem ter a supremacia atlética no mundo.

Regressados à Suécia, Hägg e Andersson voltaram a encontrar-se na pista, em renhíidissima peleja. Hägg, que perdera a última pugna, arrancou a vitória, vibrando outro golpe no «record» dos 1.500!

Fêz-se a seguir um silêncio em redor dos dois famosos astros. Era-lhes devido um justo repouso, porque a máquina humana cansa mais depressa do que qualquer outra.

Entretanto, na imprensa sueca começou a agitar-se a ideia duma digressão pela Europa, em missão de propaganda, de Andersson e Hägg. A conflagração mundial, poupando poucas nações, tornou momentaneamente o projecto inviável.

Mas talvez agora surja ensejo para os dois suecos se decidirem a tomar o avião e virem exhibir-se à Península Ibérica. Dentro de semanas a Federação Espanhola de Atletismo comemora o 25.º aniversário da sua fundação. Está em estudo um vasto programa de festejos e nele se inclui a visita de Hägg e Andersson.

Quere dizer: a Espanha propõe-se trazê-los à Península, para uma demonstração que teria autêntica retumbância. A possibilidade de os ver de perto, constituiria uma proveitosíssima lição para os espanhóis.

Chega o momento de perguntarmos: e só para os espanhóis? Não poderia a Federação Portuguesa de Atletismo, por si só, ou com o patrocínio material de entidades superiores, conseguir que os suecos prolonguem a viagem até Lisboa?

Na altura em que escrevemos, ainda não sabemos se o convite já lhes foi dirigido e será aceite.

Afigura-se-nos, contudo, que seria conveniente seguir as negociações da Federação Espanhola e talvez mesmo entrar em contacto com ela.

Se a oportunidade se deparar, será negligência deixá-la fugir. Mais do que as suas faculdades, que são na verdade excepcionais, Hägg e Andersson são dois mestres, conhecedores profundos do atletismo e da sua especialidade.

Poderiam perfeitamente deixar uma escola, modificando por completo certos conceitos, por muitos apresentados como dogmas.

Tem a palavra a Federação Portuguesa de Atletismo, — que, quem sabe! — talvez já tenha pensado no assunto!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

Novas do ciclismo

Pensa-se construir um velódromo em Lisboa?

Tem a palavra Manuel Mota



MANUEL Mota, camarada ilustre da Imprensa, que seguramente tem marcado o seu lugar, pelo apuro, consciência e honestidade do seu trabalho, desempenha, desde 1939, na União Velocípédica Portuguesa, hoje Federação Portuguesa de Ciclismo, funções directivas. Começou por ser membro do Conselho Técnico, fez parte a seguir de uma Comissão Administrativa e finalmente ascendeu à vice-presidência, posto que tem servido com inextinguível entusiasmo e reconhecida competência.

A ele se deve, já por duas vezes, a modificação da regulamentação interna da F. P. C., a última das quais, em virtude da lei que criou a Direcção Geral dos Desportos, forçando à renovação da orgânica de vários organismos desportivos.

Presentemente, sabemos que Manuel Mota está indigitado para Presidente, por proposta da Associação de Ciclismo de Lisboa. A sua eleição, que se deverá verificar ainda este mês, no Congresso, em que será também apreciado o Relatório da gerência finda, constituirá o justo coroamento da muita dedicação de Manuel Mota, pelo ciclismo.

Conversámos com ele, há dias, acerca da modalidade. Diálogo rápido, mas interessante, através do qual soubemos coisas que merecem ser trazidas a público. Por exemplo:

— A ida a Espanha de uma selecção portuguesa está autorizada. E quasi todos os pormenores ficaram assentes, com a vinda a Lisboa de Eduardo Teus, representante do organismo dirigente do desporto espanhol.

— Os portugueses correrão na Volta a Espanha?

— Sim, é esse o objectivo do convite. É natural, todavia, que participem também da Volta à Catalunha.

— Em que data se realiza a Volta à Espanha?

— De 8 a 31 de Maio.

— Como serão escolhidos os ciclistas portugueses?

— Após as provas de «Abertura», as três corridas dos campeonatos regionais de Lisboa e Porto, o «Circuito de Lisboa» e o Campeonato Nacional. Serão apurados os que nessas competições tenham demonstrado maior regularidade e submetidos a uma preparação técnica e física adequadas, esta sob a direcção de Fernando Ferrel.

— Quantos corredores terá a equipa?

— Pelo menos seis. Mas talvez se desloquem oito. Na altura própria se decidirá em definitivo.

— Pedimos a Manuel Mota que nos dê uma opinião quanto ao estado actual do ciclismo português. O dirigente e prezado camarada não se faz rogado:

— É inegável que atravessa crise aguda. Há poucos corredores, desaperceberam os organizadores e o material está por preço proibitivo.

— Numa palavra: há decadência!... Manuel Mota não dá trêco imediato. Além de jornalista e neste caso de entrevistado, não pode dissociar-se da sua função de dirigente.

A réplica é portanto, prudente: — Decadência propriamente, não há; o que existe, sim, é uma baixa de quantidade e qualidade, com origem nas dificuldades motivadas pela guerra!

— Quere dizer, então, que a futura época pouco diferirá das três ou quatro últimas...?

— Infelizmente, assim deve acontecer. Dentro das possibilidades existentes, a Federação e as Associações tudo farão, no entanto, para estimular o ciclismo.

E, após uma pausa:

— Estou convencido, por exemplo, que a Volta a Portugal se realizará, não obstante a falta de pneus e a pouca abundância de gasolina.

Numa transição:

— Como também não tenho quais-

quer dúvidas de que, depois da guerra, o ciclismo tomará um desenvolvimento extraordinário.

— Embora não se possam manter regularmente as corridas em estrada, a existência de um velódromo resolveria em parte a falta de provas...

— Absolutamente. Se houvesse uma pista — bons tempos, os do velódromo de Palhavã! — seria possível manter bem activo o interesse pelo ciclismo, da parte do público e corredores. Essa, a grande lacuna! Mas um velódromo coberto, onde se pudessem organizar competições com qualquer estado de tempo!...

— Não há quem se resolva!...

— ...E seria um negócio de mão cheia. Entretanto...

— Sim.

— Há qualquer coisa...

— Que é?

— Por ora pouco sei. Mas suponho não andar longe da verdade, dizendo que uma entidade particular alimenta a esperança de se abalancar a tal empresa! Mas como digo: por ora, nada mais sei!...

Aqui, cessou a conversa. Em boa altura, concorde-se. Manuel Mota, sempre cauteloso, não adiantou mais.

Mas a notícia, como se diz na Rádio, fica no ar: há quem pense construir um velódromo!...

Resta perguntar: quando?...

Daqui e dali...

UM SARAU

O sarau do Lisboa Ginásio Clube constituiu mais um extraordinário triunfo para o prestigioso Instituto de Educação Física.

Patentaram-se, num Coliseu cheio a mais não poder ser, os métodos adoptados no Lisboa Ginásio e a competência dos seus professores.

Não deve causar surpresa que, em menos de dois anos, o número de associados tenha quasi triplicado. Presentemente, o L. G. C. conta 1.500 socios, o que é sintoma de que se lhe reconhece valor.

Ora, sem jogar, sem competir, não se pode manter a «forma» nem progredir. Qual será, pois, o óbice que obsta a que João Palma emvergue oficialmente a camisola do campeonato algarvio?

O trabalho consciente, honesto, laborioso e sem alardes é ainda — e será sempre — o que dá melhores frutos.

PORQUE NAO SE RESOLVE?...

O jogador João Palma está há tempo à espera de autorização para jogar no Olhanense. A sua vida profissional está organizada em Olhão. Não existe, portanto, qualquer subterfúgio para se escapar às leis vigentes... Acresce ainda que Palma está convocado para os treinos da turma nacional, o que é sintoma de que se lhe reconhece valor.

Ora, sem jogar, sem competir, não se pode manter a «forma» nem progredir. Qual será, pois, o óbice que obsta a que João Palma emvergue oficialmente a camisola do campeonato algarvio?

LISBOA E SEVILHA DEFRONTAM-SE EM «BOX»

Está assente. Depois dos campeonatos nacionais de amadores, que devem efectuar-se no fim do mês próximo, teremos o Lisboa-Sevilha, em Maio, na capital portuguesa.

Eis uma boa noticia para os pugilistas amadores, intensificaram a sua preparação. O prêmio tem reciprocidade. Em Setembro, os lisboetas irão até à capital andaluza. A partida será disputada nas 8 categorias.

Há necessidade de cuidar a sério dos possíveis representantes lisboetas. O «box» amador em Espanha tomou notável desenvolvimento. Existe muita matéria-prima — e bom! Portanto, cautela; sobretudo em



Gunther Hagg



Anne Anderson

meios-pesados e pesados, não lobrigamos quais possam vim a ser os nossos enviados, tal a pobreza reinante naquelas categorias!...

Arbitrarão os dois encontros, o juiz português Fernando Caballero y Seródio, — um nome que por cá, ainda se não fixou devidamente!...

RESPONDEREMOS...

Correspondendo a pedidos que de há muito nos são dirigidos, vamos abrir nesta página uma secção de consulta dos nossos leitores. Pedimos apenas, por que o espaço é limitado, que não façam mais de duas perguntas de cada vez, e que sejam sensatas, próprias de quem tem uma cabeça que sirva para mais alguma coisa do que para pôr o chapéu. As «excentricidades» irão directinhas para o cesto dos papéis. Estamos, pois, entendidos — e as vossas ordens, prezados leitores!...

PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

Porque será que um certo semanário não teve pejo em dar à estampa

afirmações menos elegantes e menos agradecidas para com os portugueses, proferidas por um treinador estrangeiro? Eis uma pergunta à qual talvez, nem o referido semanário saiba responder!...

FORAM UNS, FICARAM OUTROS

A selecção nacional, ou mais propriamente, os candidatos ao grupo representativo de Portugal já treinaram por duas vezes, à data em que escrevemos. Que saibamos, não há ainda quaisquer vislumbres quanto à formação que alinhará no Estádio Nacional, contra a Espanha.

Possivelmente, mesmo, só nas vésperas do prélio se conhecerão os nomes dos internacionais portugueses: o que achamos curioso, — seria exagêro chamar-lhe estranho — é que tenham sido dispensados alguns jogadores que «pareciam» reunir condições para ser seleccionados, e que em contra-partida se mantenham outros, não só quasi desconhecidos, como ora das competições (há bastante tempo!...

PHILIPS



CASA José Costa

R. DE S. PAULO, 11-13 — LISBOA — TEL. 24888

FRIGORÍFICOS * RÁDIO * LUZ * SOM

ESTA CASA DISTRIBUI CALENDÁRIOS COM ESTE MOTIVO

ZACATRÁS! ZACATRÁS!! ZACATRÁS!!!

(Continuação da pág. 7)

felicidade para os que este ano terminam o seu curso — depois da representação, quando, na mesma sala enorme, principiou o baile, nem os velhos alunos poderiam reconhecer ali a tal camarata silenciosa, chela de camisas alinhadas, com cobertas brancas a encobrirem a lata de fôlha e o maço de pau cinzento, que se comprava na Cooperativa... E que uma boa orquestra, um bom escup, e centenas de pares de gente nova e bonita que se diverte a dançar, formam um conjunto tal que não há recordação que perdure — seja ela qual for! Tudo é pouco para a hora presente. E foi uma noite deslumbrante de alegria e mocidade, durante a qual até os velhos ex-«Meninos da Luz» se sentiram outra vez com vinte anos — e viram, certamente, em cada uma das lindas raparigas que dançava, o seu par de outros tempos, em outras festas semelhantes àquela...

Madrugada alta, já quasi dia, quando os automóveis estacionados no largo da Luz e os eléctricos, em fila indiana até Carnide, começaram as suas viagens de regresso, o grande edificio estava ainda fremente dessa nota de alegria e mocidade, que tão elegantemente, e tão animadamente, inetrroupeu a sua existência metódica e disciplinada, a sua «vida de quartel», com toques de corneta, formaturas e cadências de marcha — vida que ensina aos que por lá passam o sentido profundo e verdadeiro da palavra camaradagem, preceito que lá se aprende em pequeno e não mais se desvaneca pela vida fora. E é preciso ter sido «Menino da Luz» para bem se compreender, para bem se sentir o grito alto que sou de madrugada, no meio do austero claustro de arcarias:

— Pelo Colégio Militar — zacatrás! zacatrás!! zacatrás!!!

...Mas quasi todos os que lá estavam, por lá tinham passado — por isso a festa foi tão encantadora, tão animada, e teve a caracterizá-la aquêle fluido especial de confraternização que nunca deixa de estabelecer-se quando se reúnem aos novos os velhos «Meninos da Luz». Era assim dantes, é assim agora — e sempre assim será!

CINEMA NACIONAL

(Continuação da pág. 14)

se a tradicional entrevista, a curiosidade do jornalista conseguiu saber ainda que pela primeira vez em Portugal se filmaram duas personagens que a só pessoa interpreta (Patrícia Lancaster), que o público vai ver moverem-se em presença admitindo-se que duvide se é a mesma pessoa ou duas muito parecidas.

Deve-se este facto à perfeição dos trabalhos técnicos, comandados na fotografia pelo operador de imagem Aquilino Mendes, no som e montagem pelo engenheiro de som da Companhia Portuguesa de Filmes, Sousa Santos.

E de supor que, pelo enunciado, o filme «A Nôiva do Brasil» produção de Atlante Filmes, ocupe no cinema nacional lugar destacado, quer pela invulgar história (de Fonseca Mendes e Santos Mendes) quer pelo conjunto artístico que nele intervém.

Além dos artistas citados, ainda têm intervenções de relêvio, Barroso Lopes, Ricardo Malheiro, Fernando Maynard, João Amaro, Patrício Álvares, Stello Gil, Lança Moreira, Humberto de Mergulhão, Humitta de Macedo, Virgínia de Vilhena, Maria Brasal, Elisa Cardoso, Verónica Gil, Yvonne Moraes, Maria Odette, Maria Júlia, etc.

A imprensa, as eleições e a política na Palestina

(Continuação da pág. 9)

atitude soviética perante as realizações sionistas na Palestina, havemos de compreender o motivo da desconfiança que caracterizou as relações entre a Rússia e a Palestina judaica, e a razão por que o partido comunista nunca conseguiu angariar, com a sua política anti-nacionalista, mais do que 3 a 4 mil adeptos dentro dum total de seiscentos mil habitantes que perfazem a população judaica da Palestina.

Enquanto esta segunda conflagração está entrando na sua fase final, as atenções da Palestina, como aliás sucede em todos os países aliados, principiam a convergir cada vez mais, para os problemas do pós-guerra. O trágico destino de perto de cinco milhões de judeus, massacrados brutalmente pela Europa fora, representa outro pesado argumento a demonstrar e a reforçar a indispensável necessidade da solução final do bi-milenário problema judaico no espírito sionista. Isso não é nenhuma propaganda. Entre os seiscentos mil judeus da Palestina é raro encontrar um único indivíduo que não tenha perdido um pai, uma mãe, um irmão, uma irmã ou outros parentes, vítimas do extermínio dos judeus na Europa, que há muito tem assumido proporções duma irreparável catástrofe nacional.

O luto pelos irmãos assassinados, o anseio pela sorte dos sobreviventes que lograram escapar aos campos de extermínio de Oswiecim e Maidanek, na Polónia, a injustificável recusa das medidas de salvamento empreendidas pelas diferentes comissões aliadas, a recusa britânica de abandonar a política do «Livro Branco», que liquidou praticamente a emigração para a Palestina, e ao qual cabe a principal responsabilidade pelo malogro das medidas para regresso os judeus da Europa, despertaram um justificado receio das intenções inglesas em relação à sorte da Palestina e do povo judaico e deram, infelizmente, início às actividades lamentáveis de dois grupos terroristas que se revoltaram contra as autoridades mandatárias britânicas. É curioso notar que, apesar de se insultarem mutuamente, ambas as quadrilhas estipularam entre si uma perfeita «divisão de trabalhos». A maior é a «Organização Militar Nacional» (Irgun Tzvai Letúmi), que apenas se encarrega de traba-

lhos de certa envergadura, como, por exemplo, frequentes assaltos às estações da policia e dos edificios oficiais ingleses na Palestina, e efectuou, recentemente, um ousado, mas frustrado atentado contra «Sir» Harold MacMichael, o antigo Alto Comissário Britânico na Palestina que, há pouco, regressou à Inglaterra, sendo substituído pelo Field-Marshal Lord Gort, que acaba de chegar por estes dias.

O segundo bando terrorista, mais pequeno, mas mais extremista ainda, é conhecido sob a designação de «Grupo de Stern». O chefe desse bando foi morto, em 1942, em combate com a policia, mas os seus apunhados continuaram a semear o terror entre os policiaes ingleses, que são por eles assaltados com espantosa frequência.

As autoridades britânicas, vendo-se a braços com tão complicada quão incômoda situação, apelaram, pela boca do general «Sir» Bernard Paget, o supremo comandante no Médio-Oriente, e do lugar-tenente do Alto-Comissário, Shaw, para a população judaica no sentido de que ajudassem a pôr termo às actividades terroristas. As entidades oficiais e a imprensa jamais deixaram de condenar sinceramente e nos mais ásperos termos, as actividades desses terroristas irresponsáveis, que de nada servem, a não ser para fazer má impressão sobre a opinião pública universal, para arruinar o prestígio da população hebraica e para denegrir a reputação de calma e sangue-frio que lhe advém da sua impecável attitude durante o período de terrorismo árabe de 1936-38, quando os adeptos de Mafoma assassinarão mais de mil judeus passivos.

Longe de pretendermos justificar o terrorismo, devemos, todavia, compreender que, numa população tão vasta, entre a qual dificilmente se encontrará uma única pessoa que não tenha perdido pelo menos um ente querido na Europa, possam surgir algumas dezenas de pessoas morais e politicamente desesperadas, que atribuem à Inglaterra e à politica de fechar as portas da Palestina, a responsabilidade de não se ter conseguido salvar, pelo menos, algumas centenas de milhares de indivíduos do extermínio — e se insurjam com as

armas na mão contra os executores duma decisão que encerra, perante um povo, as portas do único país disposto a absorvê-los e que foi reconhecido em Genebra, por 52 Nações, como sendo o seu Lar Nacional.

Entretanto, a decisão da população de enviar emigrados, no sentido da vitória comum, não é afectada por condições politicas efémeras e transaccões suas por condições politicas e sua industria — a sitórias. A sua agricultura e a sua industria — a mais potente de todo o Próximo-Oriente — não esmorecem nos seus esforços em prol da vitória das Nações Unidas, se bem que a guerra se tenha afastado gradualmente das suas costas e fronteiras, como o prova, de resto, a recente abolição total da extinção de luzes ao longo dos litorais do Mediterrâneo Oriental.

A formação duma brigada judaica, anunciada, há pouco, pelo Primeiro Ministro britânico, é considerada pela população mais um passo à frente, no caminho da realização das suas aspirações. Os judeus foram os primeiros a alistarem-se como voluntários no exercito britânico no Médio-Oriente, e as suas unidades prestaram valiosos serviços em todas as campanhas que se feriram no Iraque, na Síria, na Abissínia, no Norte da Africa, na Itália e nos Balcanes. Levadas, porém, por discritíveis considerações de segurança, as autoridades militares britânicas recusaram-se, até agora, a dar reconhecimento oficial — como exercito — às chamadas unidades palestinas.

Por conseguinte, a declaração de Churchill, feita há tempos na Câmara dos Comuns, de que a nova brigada judaica, que fará parte das forças de conquista e ocupação da Alemanha, combaterá como formação distinta, sob o comando de officiaes judaicos e sob a bandeira nacional azul e branca, foi recebida aqui com bastante satisfação.

A imprensa não deixou de reagir e de protestar contra o reconhecimento oficial da sua co-beligerância, mas a decisão do Governo britânico prova que, os dias em que a attitude britânica no Médio-Oriente era influenciada pelo receio da força do mundo muçulmano, já lá vão, e que a Grã-Bretanha não desconhece o seu valor na Palestina, como factor importante e amparado em ordem, estabilidade e progresso no Médio-Oriente.

FALA-SE
ESTA SEMANA

ARMANDO FERREIRA



Armando Ferreira, dos mais festejados dos nossos romancistas, tem o segredo de criar graça, de tornar atraentes, pelo riso ou pelo sorriso, as histórias mais ou menos verosímiles

que a sua prodigiosa imaginação vai arquetctando. O seu último trabalho é uma novela e intitula-se «Remédio das Caldas» — bem se podendo dizer que este remédio das Caldas é um tónico do espírito e um digestivo para casos de indigestão de sofrimentos morais...

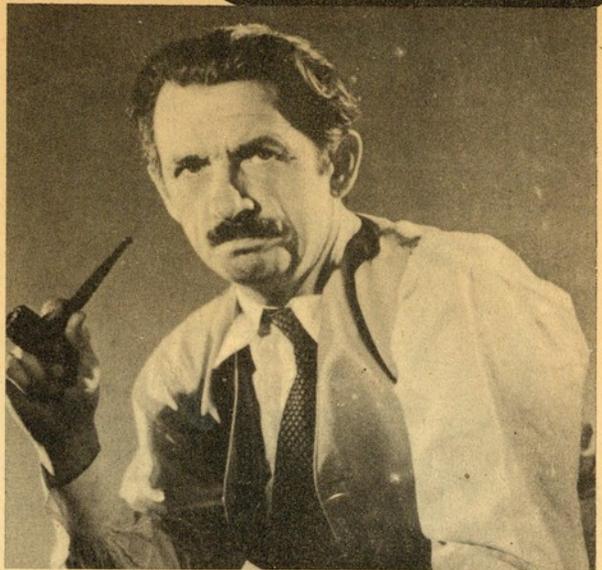
A PROPÓSITO
DE UM VERSO
DE BAUDELAIRE

COM o pedido de publicação, recebemos esta carta do sr. Charles Oulmont, e que gostosamente inserimos:

Meu caro director: — No meu artigo sobre Verlaine, dei-lhe a paternidade de um verso de Baudelaire... Com isso, não fiz mais do que imitar, porque, num soneto inédito que fazia parte da minha colecção de autógrafos (e eu digo: fazia, pois não se sabe ainda o que se pode pôr no presente, depois do drama devastador da guerra em França) Verlaine serviu-se desse verso... como se fôsse seu, tanto lhe agradava e tanto parecia resumir a sua dívida. Carco não refere, de resto, que Verlaine estava impregnado de Baudelaire, até ao ponto de esquecer quanto lhe «deviava»?

22 de Janeiro de 1945.

Todo vosso,
Charles Oulmont



EDGAR POË
E ANTÓNIO
NOBRE

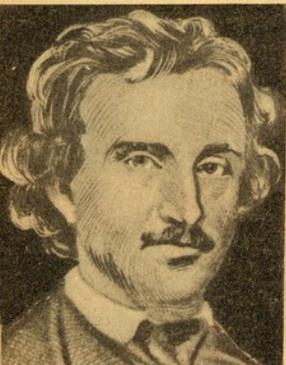
ENCONTRAMOS, num boletim estrangeiro, uma curiosa referência ao nosso poeta António Nobre que, em 1897, visitou os Estados Unidos. Nova-York, Brooklyn, Nova-Jersey, Filadélfia e Washington conheceram-lhe os passos e auscultaram a sua solidão tão intimista. Mas foi Baltimore que mais cativou o autor do «Sós». Estava lá a sepultura de Poë, e por sua causa ali foi. Num caderno de anotações íntimas de António Nobre, o poeta escreveu:

Bati à porta,
Edgar não respondia.
Estava em casa,
Edgar dormia,
Edgar Allan Poë
e never mores...

Também no seu poema incompleto «Sensações de Baltimore», António Nobre escreveu, cerca de três anos antes de morrer — e não nos esqueçamos de que a morte o levou com trinta e três anos — como impressão da sua visita à sepultura de Poë:

Cidade triste entre as tristes
Oh! Baltimore!
Mal eu diria que na Terra existes
Cidade dos Poetas e dos tristes,
Com teus sinos clamando «never
[more]»...

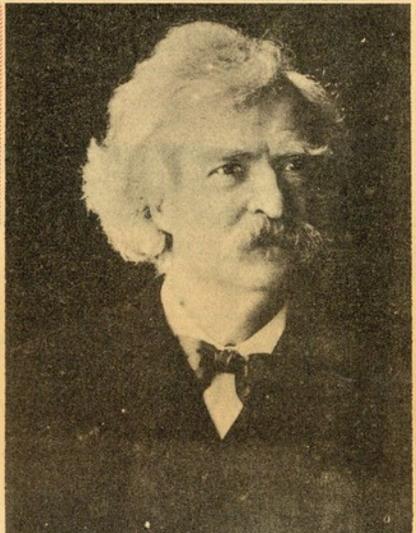
Ter-se-iam comunicado as sensibilidades poéticas de Edgar Poë e de António Nobre?



DOIS GRANDES NOMES
REUNIDOS NA MESMA
OBRA

América está cheia de um mundo de sugestivas figuras que marcam nas letras e nas artes. Mas raras vezes dois nomes se terão ligado tão intimamente para se fundir na mesma obra de cultura. Assim, pois, aqui estão: Mark Twain e Thomas Hart Benton. O primeiro, de um humor que toda a gente conhece, escreveu «Life on the Mississippi»; o segundo ilustrou esse trabalho literário, considerado uma das maiores e mais representativas obras do escritor.

O livro em referência — editado pelo Limited Editions Club — tem, ainda, o mérito todo particular de conter, pela primeira vez, passagens que haviam sido suprimidas por Mark Twain nas primeiras edições, e que se têm conservado, manuscritas, na biblioteca Morgan. São, nada menos, que quinze mil palavras incluídas no final do volume e anotadas por Willis Wager. Nesta edição, que tem um ar clássico de notável antologia, figuram todos os grandes contos de Twain.



FAÇA DE PAPEL

* Fernando Luso Soares, que não conhecemos mas que é, com certeza, jovem e ousado, envia-nos uma estranha mensagem poética que só nos admira não ter merecido da nossa crítica o reparo relevante que muito bem merecia. O livro, com o título de «Estampas», é um eloquente porta-voz, o desabafo de uma alma inquieta e de um cérebro vítima das muito sérias preocupações de metafísica. Como Fernando Pessoa — que Fernando Luso Soares cita em abertura no seu livro — o mundo interior, os problemas de Deus e da Terra andam-lhe nas preocupações poéticas. De certo, há aqui ou ali — cuidado com as cacafonias — algumas formas de expressão menos cuidadas. Mas não diz o autor:

Calcula ter aonde iria a expressão
De Camões, a que altura havia de
[subir
Se vivesse na liberdade de dizer!...
A epopeia — se é grande — maior
[seria então...

Aguardemos as novas produções poéticas de Luso Soares com verdadeira curiosidade — porque ele há-de dar-nos magníficas e definitivas fórmulas de poesia.

* «Sousa Martins» é o título da conferência que o ilustre médico, sr. dr. Moreira Júnior, proferiu na Faculdade de Medicina de Lisboa, quando o nosso mundo de ciência festejou o centenário do sábio professor. O sr. dr. Moreira Júnior, que foi amigo pessoal de Sousa Martins — foi até seu discípulo — fala-nos aqui de uma fase da história da medicina portuguesa que é das mais notáveis de todos os tempos, porquanto nela ficaram nomes como Câmara Pestana, Cabeça e muitos outros de igual notoriedade. O sr. dr. Moreira Júnior, que pertenceu e ilustrou essa mesma época, fala-nos com brilho literário, nesta conferência publicada em separata da «Imprensa Médica».

* «Rotetro Incompleto da Hungria», escrito por Diogo Caminha, e editado pela Portuguesa, é um resumo histórico da bela pátria

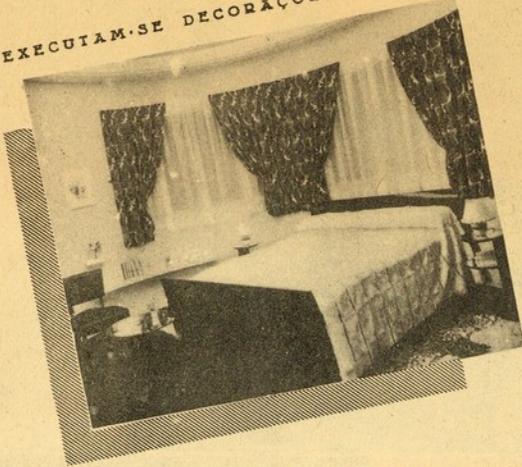
dos húngaros, tão duramente atingidos pela guerra. Mas, mais do que reviver do passado, este livro é uma reportagem do presente — o presente que precedeu as actuais destruições — com as suas evocações pitorescas, os seus quadros românticos, a sua gente tão próximo da nossa. A sua cultura — verdadeiramente europeia e com um lugar tão nitidamente vanguardista — vive nas páginas deste livro muito bem apresentado.

* «Portugal Maravilhoso», dirigido pelo ilustre escritor João de Barros e organizado pelas Edições Universo, publicou o seu quinto fascículo — nesta secção «Portugal de Além-Mar» — dirigido superiormente por Julião Quintinha. Trata-se, no todo e em cada uma das suas partes, de um importante contributo histórico-literário e um curioso repertório em que colaboraram alguns dos nomes mais prestigiosos das letras, das ciências, das artes, e que bem merece a atenção de quem pensa e lê na nossa terra.

*Móveis
Decorações*

VM

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR

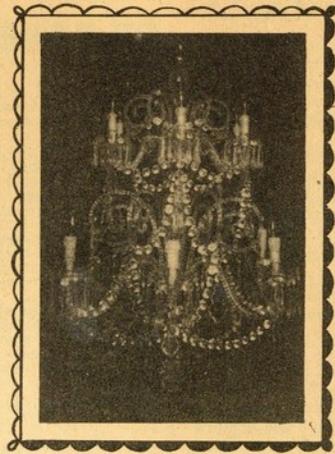


PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

ARMAZENS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L.^{DA}

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 2 8551

* LUSTRES *



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-
JOURS * CANDELABROS * CANDIEI-
ROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

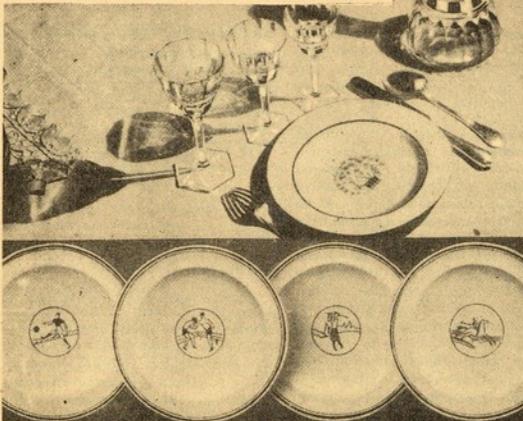
R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

VM

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2.º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 41189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 49109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA



IOGURTE

FLORINA

ALIMENTO COMPLETO,
NUTRITIVO E SABOROSO
QUE FORTALECE, EMBE-
LEZA A PELE, FORTIFICA
O ORGANISMO

*Dá a todos uma
boa saúde, sendo
particularmente
recomendável para
as crianças e aos
que sofrem do es-
tomago, fígado e in-
testin o Alimento
saboroso; toma-se
simples ou com açu-
car*



DISTRIBUIDOR GERAL

José Carlos Janeiro

AV. DUQUE D'ÁVILA, 38-C - TEL. 41684

ENCONTRA-SE NAS BOAS PASTELARIAS E SALÕES DE CHÁ

VM



Rocha Martins foi, há dias, ao Coliseu. A saída meteu-se num «táxi». A certa altura, o «chauffeur», que parece que tinha qualquer coisa de adivinho, interrogou o seu ilustre freguês:
— V. Ex.^a foi ao Coliseu?
— Fui! — respondeu Rocha Martins.
— Pois fez V. Ex.^a muito bem — retorquiu o «chauffeur». — É uma coisa muito boa para aliviar o cérebro...

A SUA GRAÇA É...



Apareceu recentemente nas livrarias um sugestivo volume de crónicas de Bourbon e Meneses, «Sua graça é Lisboa», tendo, quázi todas elas, como fulcro, motivos lisboetas. Há os arqueólogos e os poetas das cidades. Bourbon surge, nestas páginas, como um poeta de Lisboa. Tudo aquilo está cheio de lirismo alfacinha. Lê-se com encanto e vê-se com delícia. E digo vê-se, porque o livro está repleto de belas ilustrações.

Há dias, uma senhora ouvindo falar neste livro, murmurou, e lá tinha as suas razões:

— A «Sua graça é Lisboa»!... E eu a imaginar que a sua graça era Bourbon e Meneses!

PAULO E LENA



João Arroio, o vigoroso orador e discutido político, dedicava-se à música, fazia versos e um dia, mesmo, escreveu uma peça «Paulo e Lena», que foi representada no «República». A esposa de João Arroio, senhora de larga cultura e de fino espirito, ao ouvir seu marido ler-lhe a obra, de assunto caracterizadamente amoroso, murmurou, a certa altura, num sorriso ao mesmo tempo cheio de ironia e de ingenuidade:

— Paulo e Lena? Mas, ó João, nem tu nem eu temos esses nomes!

A MÃE DE EÇA DE QUEIROZ



Eça de Queiroz parece que, desde pequeno, mostrou inclinação para as letras. Gostava muito de ler. Livro que lhe caísse nas mãos — devorava-o. Aos dez, onze anos, escrevinhava já pequenas histórias, umas de mera fantasia, outras baseadas nos feitos da história pátria. Também versejava, nam romantismo ingénuo, próprio da sua idade. Mais tarde, quando Eça entrara já na glória literária, sua mãe repetia às vezes, recordando o pequeno Eça literato dos onze anos:

— E lembrar-me eu que me queixava do papel que elle consumia a escrevinhar coisas!

CALÇADA DA GLÓRIA

«TOILETTE» PARA DAR NAS VISTAS



Maria Archer dizia-nos uma tarde, na livraria «Portugália»:
— Uma mulher que queira dar nas vistas pela sua «toilette», não tem mais do que seguir este caminho: mandar fazer os vestidos nas modistas de chapéus — e os chapéus nas modistas de vestidos!

NO ELECTRICO



Aquilino Ribeiro contava, há pouco, este episódio a que assistira num eléctrico. A plataforma — c'est l'éternelle chanson — ia a trasbordar.

Entre os passageiros, uma senhora avantajada de carnes. De repente, o condutor vendo aquela dama, verdadeiramente comprimida entre algumas dezenas de pessoas, quis ser amável e exclamou, convidando-a a passar para a parte de dentro do carro:

— Passe para aqui, minha senhora. Melhor a sua posição...

AINDA NO ELECTRICO



Abel Manta, o ilustre pintor, que estava presente quando Aquilino contou o episódio, contou logo outro. Vinha ele no eléctrico. No lugar ao lado, um sujeito de certa idade, cabeleira, óculos, tipo de músico. Veio o condutor e perguntou a Manta:

— Para onde deseja bilhete?
Manta disse. Em seguida o condutor dirigiu-se ao passageiro do lado:
— E o senhor, diga lá...
Logo o sujeito:
— Lá... a... a... a...

ESTANTE GIRATÓRIA



A «Calçada da Glória» regista e agradece os seguintes volumes que lhe foram enviados: «Salomé», de Oscar Wilde, tradução de Armindo Rodrigues, elegante edição da Portugália; «Cisne do Lago de Ouro», em que José Moreira Boavida Portugal nos mostra que um jornalista pode ser um excelente cultor da literatura infantil; «Curriculum vitae», de José Pontes, verdadeira história dum homem que não sabe o que é a inércia nem a má disposição; o «Poema da Inocência», de Campos de Figueiredo; e o «Náufrago perfeito», de António de Sousa, dois belos livros de versos, edição da Atlântida, de Coimbra, actualmente dirigida pelo meu amigo Cravo, que é, sem contestação, o editor mais florido de Portugal; e «Deixem-me viver...», romance de Bessone Belford, 230 páginas vivas e prometedoras.



(Caricatura de Santana)

O dr. Fernando da Fonseca

Entre tanta miséria e tantas coisas vis
Do mundo-grão de areia,
Inda tenho o condão de me sentir feliz
Com a glória alheia.

À noite tenebrosa, cheia de mau agotro,
Onde busco a verdade,
Chegou enfim alegre, na sua aza d'otro,
A tua felicidade:

Es médico e és lente. Radiante futuro
Sorrindo à tua crença!
Fortuna e clientes; juntar num beijo puro
A saúde — e a doença!

ó vasta felicidade! Por isso desta 'squina,
Entre a terra e o céu,
Eu te saúdo, ó mestre, herói da medicina,
Com o meu soldéu!

PAZ JUNQUEIRO

O AMOR

UM jornalista muito dado a inquéritos lembrou-se, uma ocasião, de perguntar a várias pessoas de sensibilidades naturalmente diferentes, o que era o amor. Eis algumas das respostas obtidas pelo jornalista a que me refiro:

- Um filósofo: O amor é o nada envolto numa ilusão.
 - Um médico: O amor é um microbio de rara virulência.
 - Um farmacêutico: O amor é uma pílula.
 - Um advogado: O amor é uma questão permanente.
 - Um militar: O amor é uma batalha.
 - Um físico: O amor é uma descarga eléctrica.
 - Um químico: O amor é um precipitado.
 - Um acrobata: O amor é um salto mortal.
 - Um gastrónomo: O amor é um apetite.
 - Um prestidigitador: O amor é uma escamoteação.
 - Um sapateiro: O amor é uma bota.
- As respostas não ficam por aqui, mas este simples pano de amostras revela-nos bem que o conceito do amor varia de pessoa para pessoa. Chacuna sa vie — chacun son amour. Para cada um de nós o amor surge sob um aspecto que não é o mesmo do nosso vizinho de cima ou da nossa vizinha do lado. É por isso que todas as definições amorosas que conheço se revestem dum acentuado personalismo. O médico que afirma que o amor é um microbio ou o sapateiro que assegura que o amor é uma bota, não nos oferecem mais do que uma noção profissional e, por consequência, restrita, acerca desse sentimento humano. De resto, se o amor pudesse caber nos limites duma definição literária ou científica, não valia a pena amar. O melhor do amor é precisamente o seu ar indefinido.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Bélgica

DESDE a assinatura do armistício entre a França e a Alemanha (22 de Junho de 1940) que os refugiados belgas que haviam, em grande número, seguido para território francês começaram a regressar ao seu país. As autoridades alemãs não puseram qualquer dificuldade ao seu repatriamento, pois pensavam que a vida na Bélgica devia recuperar, o mais rapidamente possível, um aspecto de normalidade absoluta. O regresso dos belgas que se tinham refugiado em França foi, assim, apressado graças aos próprios cuidados dessas autoridades. Para França foram enviados numerosos comboios com a missão especial de apressar o repatriamento dos belgas. Os condutores de camions e automóveis e as organizações da Cruz Vermelha tiveram todas as facilidades para colaborar naquela tarefa.

Os refugiados que voltavam à Bélgica mostravam sinais evidentes de desânimo. Tinha sido surpreendido pela rapidez dos acontecimentos e desiludidos pelo peso da derrota. Muitos só se tinham decidido a regressar em seguida aos apêlos que lhes eram incessantemente dirigidos pelos postos emissores belgas, e especialmente pela rádio de Bruxelas. Esta voltava a fazer as suas emissões sob a direcção de delegados do Ministério da Propaganda do Reich. Nessas emissões os alemães acentuavam que a vida na Bélgica retomara o seu aspecto habitual e que a nação precisava do concurso activo de todos os seus filhos.

Por outro lado, espalhar-se rapidamente a notícia de que, ao contrário do que acontecera durante a ocupação de 1914-18, os alemães se mostravam amáveis e respeitadores, fazendo o possível para não ferir as susceptibilidades dos belgas. Até que ponto devia, no futuro, esta atitude inicial corresponder às suas verdadeiras intenções, eis o que os belgas não podiam prever. Essa atitude, segundo as mais insuspetadas testemunhas, começou a modificar-se desde o início da batalha de Inglaterra e sofreu uma transformação completa quando a Luftwaffe, no começo de 1941, considerou essa batalha definitivamente perdida. As medidas rigorosas começaram então a multiplicar-se e foram enviados para o interior da Alemanha os primeiros operários belgas. Mas ao mesmo tempo que a ocupação se tornava mais rigorosa, a resistência começou também a afirmar-se mais vigorosamente.

A IMPRENSA NA BÉLGICA OCUPADA

Entretanto, os serviços de propaganda alemães na Bélgica não se conservavam inactivos. Um grupo de jornalistas alemães, em colaboração com alguns dos correspondentes dos jornais belgas em Berlim e com os editores de imprensa alemã em Paris e Londres, os quais haviam abandonado as suas funções em consequência da guerra, iniciou a publicação de jornais em língua francesa e alemã na Bélgica. O primeiro a aparecer foi o «Brusseler Zeitung», que

era distribuído profusamente entre as populações da Bélgica e do norte da França.

Por outro lado, os membros do partido nacional-socialista belga (partido rexista), tomaram a direcção de alguns importantes jornais belgas e casas editoriais. Entre os primeiros figuravam o «Pays réel», o «Soir» e o «Nation Belge», de Bruxelas; o «Legis», de Liège, e o «Volk en Staats», de Antuérpia. O primeiro e o último destes jornais eram já considerados órgãos dos partidos rexista e extremista flamengo, ambos simpatizantes com a causa do nacional-socialismo. Os corpos redactoriais foram substituídos e, em alguns casos, mudados os nomes dos jornais.

Mas logo em meados de Agosto surgiu o primeiro jornal clandestino, expressão do movimento de resistência que começava a organizar-se. Esse jornal ressuscitava um título que a ocupação fizera desaparecer: «La Libre Belgique», o qual tinha no jornalismo belga as mais honrosas tradições. Este jornal apareceu, com uma regularidade impressionante, durante todo o período da ocupação alemã quando da primeira guerra mundial. Desde então os jornais clandestinos na Bélgica multiplicaram-se. Em fins de 1942, calculava-se que havia mais de cento e trinta, divididos em duas categorias: os que exprimiam os sentimentos francófilos dumha parte da população e os que traduziam o pensamento dos flamengos.

Este aspecto da actividade das autoridades de ocupação e dos partidários das idéias nacional-socialistas na Bélgica caracterizou os primeiros meses que se seguiram à assinatura do armistício. Era incontestável que ela revelava a intenção firme de orientar a opinião pública belga no sentido dumha colaboração total. Esta tendência não deixaria de se acentuar nos anos que se seguiram, embora os resultados colhidos não correspondessem, de maneira nenhuma, às esperanças iniciais.

A SITUAÇÃO ALIMENTAR E A DISTRIBUIÇÃO DE COMBUSTÍVEL

Entretanto, as autoridades de ocupação tinham que se preocupar com outros problemas de não menos importância. Entre estes figurava o problema da alimentação da população belga. Como os «stocks» de alimentos existentes no país foram, na primeira hora, enviados para o interior da Alemanha, o racionamento na Bélgica tornou-se, desde logo, extremamente rigoroso. O curso forçado do marco, que inicialmente fora fixado em 10 francos belgas, foi pouco depois elevado para 12 francos.

Por outro lado, os soldados do exército de ocupação, que de começo eram em grande número, tinham uma autorização especial para requisitarem nos estabelecimentos belgas certos géneros e mercadorias que eram enviados para as suas famílias.

Esta circunstância, agravada pelo câmbio forçado e pela fiscalização dos preços, levaram rapidamente ao esgotamento da maior parte das coisas que existiam à data da ocupação.

Ao mesmo tempo, em consequência dos primeiros envios de operários belgas para a Alemanha, o rendimento das minas de carvão começou a baixar de maneira sensível. Logo no inverno de 1940-41 só puderam aquecer-se os raros felizes que tinham podido constituir, em tempo de paz, reservas de carvão. No inverno seguinte a falta de combustível tornou-se alarmante, agravada pelas dificuldades crescentes que a população encontrava para se alimentar. Calcula-se que, já nessa altura, o povo belga recebesse menos 40 por cento dos géneros alimentícios indispensáveis para um nível de alimentação baixo. Como é natural, a mortandade começou a aumentar assustadoramente.

A medida que os sentimentos da população belga em relação aos ocupantes se agravavam, as autoridades alemãs mostravam uma tendência, cada vez maior, para atribuir aos ingleses e ao seu bloqueio as desgraças que haviam caído sobre a Bélgica.

O terceiro inverno de ocupação, o de 1942-43, longe de modificar num sentido favorável as condições criadas pela guerra e pela ocupação à população belga, não fez senão agravá-las. Os alimentos racionados, já insuficientes para uma alimentação mesmo precária, nunca eram entregues nas quantidades previstas. A distribuição de combustível continuou a fazer-se nas mesmas condições defeituosas.

O RECRUTAMENTO DE MÃO DE OBRA

Desde 1940 que as autoridades civis e militares de ocupação começaram a ocupar-se do recrutamento «voluntário» de trabalhadores belgas para a Alemanha. A publicidade feita por essas autoridades nos jornais e na rádio era, de facto, aliciente. Mas os interessados responderam em número insignificante aos apêlos que lhes eram dirigidos, pelo que estes passaram a ser substituídos pela persuasão, a qual cedeu, rapidamente, o seu lugar às medidas obrigatórias. Aos trabalhadores que se recusavam a aceder aos convites que lhes eram dirigidos, as autoridades alemãs suprimiam, geralmente, os subsídios de desemprego e as cartas de racionamento. Mas como as necessidades de trabalho no Reich não deixaram de aumentar e aquelas medidas não se revelavam suficientes, tornou-se necessário recorrer a outras consideradas mais eficazes.

Sob o pretexto dumha melhor organização da economia nacional e dumha colaboração mais estreita entre a economia belga e a economia alemã foram numerosas as pequenas empresas e organizações industriais que se viram obrigadas a encerrar as suas portas aumentando assim o número de desempregados, junto dos quais se prodigalizavam os convites para irem trabalhar nas fábricas de material de guerra alemãs. Apesar disso, o número dos que aceitaram as sugestões que lhes eram dirigidas não aumentava sensivelmente. O «déficit» da mão de obra alemã continuava a ter as suas exigências que era necessário satisfazer.

Por isso as autoridades de ocupação, em certa altura, decretaram o serviço de trabalho obrigatório para os belgas. Nos centros de retinido, nos cafés, nos cinemas, nas praças públicas passaram a fazer-se, com uma regularidade periódica, rusgas em grande escala, as quais abrangiam todos os indivíduos nascidos na Bélgica que, pela sua idade e pela sua profissão, se encontravam em condições de ir trabalhar para a Alemanha. Como é natural, nem todos os que eram abrangidos por essas rusgas tinham as qualidades indispensáveis para trabalhar em oficinas de material de guerra, o que fazia descer o nível de produção da indústria alemã. Foi principalmente a população da zona de Liège e do norte de França que mais sentiu a aplicação destas medidas.

(Continua)



Leopoldo da Bélgica, o digno continuador da obra de seu pai, o rei Alberto, que nesta guerra não pôde deixar de seguir o seu exemplo: o caminho da rendição.

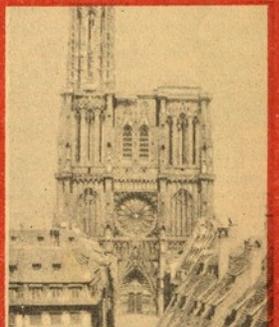


O rei com os seus três filhos — entre os quais o príncipe herdeiro — preferiu ficar junto do seu povo e com ele sofrer as agruras da ocupação.

LA LIBRE BELGIQUE



Os belgas, imediatamente à ocupação, fixaram surgir os jornais clandestinos. «La Libre Belgique» surgiu, como em 1914, para incutir a confiança no alma inteira da Bélgica.



A magnífica catedral de Estrasburgo foi, a certa altura, e contra a opinião do povo belga, transformada em centro da juventude nazi e fechada ao culto religioso.



Palavras Cruzadas

PROBLEMA N.º 6
(Concurso)

Por Vitorino de Sousa Valverde
(Nazaré)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: I — Saco de correspondência postal; liga. II — Desgraça; casa (fig.). III — Doa; coisa insignificante (fig.). IV — Pronuncie ou compreenda as palavras escritas; avançavam. V — Iça; falha. VI — Nome de homem.
VERTICAIS: 1 — Dificil. 2 — Tíngir de azul. 3 — Ali; anel. 4 — Queimavam-se. 5 — Em partes iguais. 6 — Porco. 7 — O mais; progredia. 8 — Rolhar. 9 — Fragância.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5

HORIZONTAIS: 1 — Alapar; macaco. 2 — Cavar; ranes. 8 — Ovar; com; mago. 4 — Ralara; aflar. 5 — Ir; remates; ri. 6 — Macacadas. 7 — Fa; arado; um. 8 — Somatório. 9 — Ca; vedores; fé. 10 — Arrasa; escoces. 11 — Leal; ses; lala. 12 — Matos; caíra. 13 — Arrasas; farsas.
VERTICAIS: 1 — Acorta; acalma. 2 — Lavar; arear. 3 — Aval; mas; raia. 4 — Parara; ovalos. 5 — Ar; recames; sa. 6 — Camaradas. 7 — Mú; acato; em. 8 — Matadores. 9 — Ar; fedores; ca. 10 — Camila; isolar. 11 — Anal; suo; cala. 12 — Cegar; feira. 13 — Osório; ressas.

ERRATA

Na solução do problema n.º 4, no 3.º sinónimo da 9.ª vertical li-se *Order*, quando tem que ser *Oder*.

ATENÇÃO

O Concurso que se está realizando é somente de *Produtores*.

Damas

JOGO N.º 12

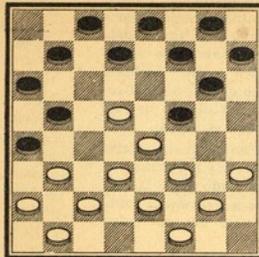
Jogo por correspondência entre José Anselmo Trabuço, de Évora (brancas) e António dos Santos Al, da Chamusca (pretas).

Comentado por «Lusada»

Abertura: 2-2

Lances	Brancas	Pretas
1.º	12-15	23-20
2.º	10-14	28-23
3.º	5-10	32-28
4.º	1-5	22-18
5.º	7-12	20-16
6.º	3-7	23-20
7.º	15-19	

DIAGRAMA N.º 1



Cecina Rica, em seu Tratado, 2.ª edição, 1759, saída XIII, pág. 126-127, chega a esta mesma posição, com abertura diferente e troca de jogadas: 10-14, 22-18; 5-10, 23-20; 12-15, 28-23; 7-12, 20-16; 3-7, 32-28; 1-5, 23-20; 15-19.

Nesta posição, as pretas estão em nítida inferioridade posicional.

Cecina Rica apenas apresenta uma defesa do jogo das pretas, aliás bastante fraca. Ela:

(a) Se 21-17 perde, como demonstra o mesmo autor.
(b) Se 3-7 perde por 9-13 e 2-5.

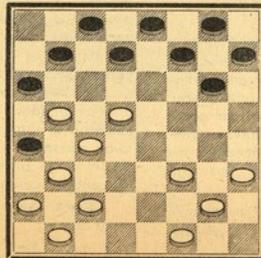
Como se vê, para Cecina Rica, as brancas têm, ao 7.º lance, o domínio do jogo. Vejamos a continuação de Santos Al:

7.º 20-15
8.º 11-20 18-11!



Se 24-15 (?) 19-23! 28-19; 14-23, 27-20; 12-19 ganham.
9.º 6-15.

DIAGRAMA N.º 2



Esta é a posição capital do jogo. Cecina Rica continuou assim: 21-18; 19-22, 26-19; 24-15, 12-19 com o jogo perdido por parte das pretas, pois se:

1.º — 18-14; 10-13, 27-18; 13-22, 30-27; 8-12, 27-18; 12-15 (25-21 ou 29-26); 9-13 e 7-12 ganham.
2.º — 25-21; 7-11, 30-26 (a, b); 4-7, 28-24; 8-12, 21-17; 9-13, 18-9; 10-14, 27-18; 14-30 ganham.
a) 27-23; 4-7, 23-14; 10-19, 28-14; 5-10 ganham.
b) 21-17; 4-7, 27-23; 10-14, 30-27 (c); 14-21, 27-18; 2-6, 23-14; 6-10 ganham.
c) 29-25; 14-21; 25-18; 22-26, 30-21; 2-6, 23-14; 6-10 ganham.

Por este «memorandum» se depreende a incapacidade dos clássicos perante o 9.º lance das pretas.

Santos Al encontrou a defesa, e eu proponho que leve o seu nome.

9.º 26-22!! (defesa António Santos Al).
10.º 19-26 29-22
11.º 10-13

Se as brancas tivessem feito 10-14; 22-18; 14-19 (a), 27-23; 20-27, 31-14; 15-19, 24-20; 2-6, 20-15 com vantagem das pretas.

a) 5-10, 18-11; 7-14, 16-7; 4-11, 28-23; 9-13, 23-16; 15-19, 24-20; 19-23 (b) 20-15 e 30-26 e 21-17 e 25-11 empatam.
b) 13-18, 27-23 com jogo para empatar.

11.º 22-18;
12.º 13-22 27-18;
13.º 5-10

O câmbio por 20-23 é evitado pela judia 31-27 e 21-17.

A jogada do texto acautela a judia e mantém a ameaça.

Se, por outro lado, tivesse feito 15-19 e 19-22, teríamos a mesma judia.

A jogada 2-6 levaria a 21-17; (6-10 ou 5-10 ou 6-11), 18-13 e 28-23 para salvar o jogo.

13.º 31-27
As pretas evitam 20-23.

14.º 2-5

O golpe por 15-19 e 19-22 saíria frustrado por 27-23!

10-13 levaria a 18-14; 15-19, 24-15; 19-22, 27-18; 12-19, 14-10; 13-22, 21-18 conduzindo a um final difícil mas de empate, sendo bem jogado.

2-6 permitiria os mesmos lances da partida.

14.º 30-26

27-22 seria fatal, porque brancas 15-19 ganham.

28-23 ou 21-17 concederiam igual lance.

15.º 10-13 27-22

Se as pretas preferissem:

I) 28-22; 15-19 ganham.

II) 18-14; 13-18, 21-17 (a); 18-22, 27-18; 20-23 ganham.

a) 26-22; 15-19, 22-13 (b) (c); 9-18, 24-15; 19-22, 15-11; 22-31, 28-24; 31-28 ganham.

b) 22-15; 12-18, 24-15; 19-22, etc., ganham.

c) 24-15; 19-26, 15-11; 26-30 ganham.

16.º 7-11

Trabuço procede a um golpe elegante mas não prevê o empate.

Vejamos outras jogadas de brancas:

I) 5-10, 21-17 e as pretas salvam o jogo.

II) 13-17, 18-14 e as brancas nunca conseguem ganhar.

III) 15-19, 24-15; 7-12, 16-7; 11-20, 22-15; 13-29, 7-3 e ganham as pretas.

16.º 16-7
17.º 13-17 7-3!

Esta jogada é a única, pois que 28-23; 20-27, 18-13; 9-18, 22-13 acarretaria sérios embaraços para as pretas num final demorado tendente à vitória das brancas.

18.º 5-10 3-13
19.º 11-14 18-11
20.º 9-27 28-23!

Começa o subtil final das pretas.

21.º 27-31 23-16
22.º 31-13

Suponhamos que as brancas não manobravam no sentido de impedir a «damas» preta. Assim: 15-19, 11-6; 31-22, 6-2; 22-29, 2-20; 17-26, 20-30; 19-23, 30-17 (a); 23-28, 17-6, etc. (Final empatado com dificuldade).

(a) Se 30-20 (!); 26-30, 20-23 (!); 30-20, 24-15; 29-12, 16-7; 4-11, 25-21 e empatam.

22.º 16-12
23.º 15-19

Se tivessem optado por: 13-3 o empate obter-se-ia deslocando a «pedra» preta 21 e fazendo «damas» com 11.

23.º 21-18!!

Para empatar! Para 12-7 teriam as brancas 13-31 ou 13-3 com finais extremamente difíceis. A jogada do texto é decisiva.

24.º 13-29 12-7
E nesta altura o jogo terminou empatado. Se bem que brancas ainda pudessem fazer 19-22, as pretas teriam 24-20, etc.



MEDICINAL
PASTA COUTO
TRATA
gingivas decaídas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou bismuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves



Cabelos cheios de sol



«Lavalan-bulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 19800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L. — Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D. — Telefone 4 3582.

VINHOS VELHOS DO PORTO
Niepoort



Jesus não queria dormir...

Lenda polaca — Adaptação

NO presépio, Jesus não queria dormir. Não parava de agitar os seus pezinhos rosados. E a luz dos seus grandes olhos espertos nem de longe parecia querer extinguir-se, apesar de Maria lhe entoar doces canções de embalar. A criança olhava-a tranquilamente com a muda impertinência dos bebés que recusam participar dos projectos dos pais.

— Cantei tudo o que sabia — suspirou a Virgem. — Meu pequeno, meu Deus, porque não queres tu dormir?

E Maria dirigiu-se ao bom José, sobre quem ela mantinha, apesar de tudo, alguma influência:

— Experimenta agora o teu relatório. Talvez consigas adormecer Jesus...

Com a sua voz ligeiramente rouca, que tornava tão melódica quanto possível, aquele pai adoptivo entoou algumas coplas da sua distante mocidade.

A criança pareceu achar aquilo muito divertido. Os seus dedinhos estenderam-se para as barbas brancas que tremiam ao ritmo da canção. Quando José terminou, um pouco sufocado pelo esforço, os olhos de Jesus estavam perfeitamente abertos e os seus pulsos agitavam-se cada vez mais.

— Não tive êxito — lamentou-se o carpinteiro, dirigindo-se à esposa, e sugerindo: — Se pedissemos ajuda ao nosso bom companheiro, ao boi cabeçudo e ajuizado, que tem sempre tanta paciência para o nosso petiz?...

Esse boi — vós o sabeis — não era um boi vulgar, mas sim um animal predestinado. Tal como um ser humano, tinha sido tocado pela graça do Deus que reina sobre as pessoas e os animais. Com o seu hálito, ele aquecia aquele mercê de quem o sol aquece os homens! Em verdade, esta função enchia-o de um íntimo e secreto orgulho. Adormecer Jesus!... Sim, sem dúvida, ele, o boi escolhido, seria capaz de cumprir satisfatoriamente tal tarefa... E se o conseguisse, de que triunfante categoria ficaria engrandecido para o futuro!...

E começou a mugir o mais suavemente

possível, esforçando-se por atenuar os sons roucos que persistentemente se lhe misturavam na melodia. Mas, ou porque ele abrisse demasiadamente os olhos com o esforço que fazia para parecer harmonioso, ou porque apesar de tudo soltava ainda muitos acordes ásperos e desordenados, Jesus encheu-se de medo e começou a agitar freneticamente os seus punhos cerrados, e altos gritos de pavor elevaram-se do presépio em resposta ao entoar da canção bovina.

— Basta, basta... Não faças chorar Jesus! — disse Maria.

Já um pouco nervosa, impôs silêncio ao ruminante, que se afastou, numa dolorosa decepção, para mastigar algumas espigas de feno no canto do estábulo.

— E se experimentássemos com o burro! — propôs José, sem grande entusiasmo. — Não é impossível que o mais inferior dentre nós seja o mais agradável a Deus...

Modesto e muito tímido, o jericó aproximou-se. Que honra lhe era oferecida! Experimentou no seu coração asinino tanta alegria como se tivesse saboreado de uma só vez toda a herva florida da colina próxima. Se conseguisse adormecer a criança divina, acabaria de vez com o seu complexo de inferioridade... E antes de começar a zurrar dirigiu um rápido olhar de triunfo ao boi, seu rival.

Mas apenas fez ouvir o seu primeiro zurro, com as grandes orelhas direitas e a crina eriçada, o Menino Jesus, alegrado pela atitude do cantor, começou a rir e a estremecer tanto que ninguém poderia pensar em que adormecesse.

— Tu és grotesco, meu pobre burro. Dedicado até mais não poder ser, mas grotesco — disse Maria em quem o sentido da ironia não fora totalmente neutralizado pelos sentimentos generosos.

Entretanto, o tempo ia passando e Jesus não adormecia. Todos aqueles ensaios melódicos não tinham feito senão excitá-lo ainda mais. Soltava pequenos vagidos, chuchava o polegar com frenesi, agitava os seus pezinhos rosados, e a palha do presépio arranhava o nariz, choramingava um pouco, e recomeçava a vagir. A mãe desolou-se:

— Seguramente, ninguém canta com a ne-

cessária doçura. Seria preciso um murmúrio ligeiro, suavíssimo, assim como um miar...

Ao pronunciar esta palavra, Maria pensou no gato magro e vadio que todas as noites se acolhia no estábulo para dormir no quente, enterrado num monte de palha. Como habitualmente, ele lá estava espreitando na vizinhança a passagem de algum rato...

— Tu és a minha última esperança para adormecer Jesus. Não tenhas medo. Aproxima-te e dize o que sabes na tua linguagem de gato. Não poderá dizer-se que pessoas e animais não juntaram os seus esforços em íntima colaboração...

Mas, em vez de se precipitar com a honraria que lhe era concedida, o gato sentou-se vagarosamente; molhou com a língua vermelha uma das patas dianteiras, e começou a passá-la minuciosamente, sem se apressar, sobre o focinho, o pescoço, e atrás das orelhas triangulares...

Que insultante indiferença! O boi e o burro trocaram comentários indignados. «Não vês aquele infimo ser, aquele pobre bichano vadio e escanzelado, indiferente à honra que lhe concedem? Fazer esperar Jesus! Isto passa todos os limites da irreverência!...»

Entretanto, o gato prosseguia sem pressa a sua cuidada «toilette». Todo o dia tinha passado em pândegas, saltando muros em perseguições amorosas — algumas aventuras pesavam-lhe mesmo na consciência — sujando-se quando se espojava. Por isso, aplicadamente, tal como o farão todos os gatos do mundo até ao fim dos séculos, o quadrúpede doméstico lavou-se em todos os cantos do corpo sem se preocupar com os outros animais que o observavam.

Quando se julgou em absoluto limpo e digno para aparecer perante o Senhor do universo, quando, do seu narizito impertinente à ponta da sua cauda, todo o seu pelo estava sedoso e lúcido, aproximou-se do presépio e miou uma canção cariciosa como uma cascata de beijos maternos.

Miou com ternura e recolhimento — durante muito mais tempo ainda do que aquele que levou a adormecer o Menino Jesus.

Admirado, José disse para a esposa, indicando o Senhor adormecido:

— Como hão-de os homens compreendê-lo?...

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Trav. Condessa do Rio, 27